
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



O EXEMPLO DA IGREJA APOSTÓLICA

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O perfil do verdadeiro líder

Em seu livro intitulado *Eu, Um Servo? 'Cê Tá Brincando!* Charles Swindoll expõe maravilhosamente bem a maneira como nós, na prática, encaramos nossa condição de servos: rejeição. Afinal, essa nos parece uma condição de inferioridade. Apreciamos a ostentação de um título, a cadeira do poder, o lugar à cabeceira da mesa, a passarela, os holofotes da fama. Paradoxalmente, o Senhor a quem servimos assumiu a condição de servo. E nisso devemos imitá-Lo.

Certa ocasião, a mãe de dois dos Seus discípulos, Tiago e João, aproximou-se para pedir-Lhe uma promoção para os filhos, no reino que seria estabelecido. A atitude daquela mãe causou certa indignação entre os demais, que desejavam a mesma coisa. Foi então que Jesus lhes mostrou a verdadeira natureza do Seu reino, o contraste entre a Sua filosofia de liderança e a do mundo: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo.” (Mat. 20:25 a 27).

Liderar, segundo o mundo, é algo que está sempre relacionado com ostentação, domínio autoritário, favorecimento aos amigos e retaliação daqueles cujas idéias divergem dos pensamentos do líder, superestimação das coisas e subestimação das pessoas. Liderar, segundo Cristo, é servir. É trabalhar tendo em vista exclusivamente a glória de Deus e o bem-estar daqueles pelos quais Ele deu a própria vida, na pessoa do Seu filho Jesus. É ter motivos corretos para as realizações que se planeja, descartando todo resquício de interesse próprio, e de louvor pessoal.

Nos dias de Cristo, “supunha-se que o povo existia para benefício das classes dominantes. Influência, fortuna, educação eram outros tantos meios de empolgar as massas para proveito dos dirigentes. As classes mais altas deviam pensar, decidir, gozar e dominar; às mais humildes cumpria obedecer e servir. A religião, como tudo o mais, era uma questão de autoridade. Do povo esperava-se que acreditasse e procedesse segundo a direção de seus superiores. O direito do homem como homem – de pensar e agir por si mesmo – era inteiramente postergado.

“Cristo estava estabelecendo um reino sobre princípios diversos. Chamava os homens, não à autoridade, mas ao serviço, os fortes a sofrer as fraquezas dos fracos. Poder, posição, talento, educação colocavam seus possuidores sob maior dever de servir aos semelhantes.” (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 524).

É isso então. O líder cristão não foi chamado para agir como se fosse o proprietário de qualquer segmento denominacional colocado sob sua responsabilidade. Muito menos foi chamado para manipular consciências, impor idéias e exigir cega obediência. “Não é assim entre vós”, Cristo afirmou, acrescentando: “pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo.” Palavras esquecidas essas, na corrida em busca de promoção e na luta pelo apego à função. Mas elas traduzem a única maneira pela qual é possível alguém chegar ao ápice do reino de Cristo: vivendo uma vida de serviço.

Há somente uma casta no reino de Deus: a dos servos. O que importa, na verdade, não é o título que distingue alguém, tampouco a função que ocupa. Mas a atitude de serviço com que desempenha seu trabalho.

Como ministros, devemos trabalhar no sentido de que somente Cristo cresça, que é o de que mais carecemos. E nós diminuamos, que é o que bem merecemos. – *Zinaldo A. Santos*.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 67 – Número 02 – Mar./Abr. 1996 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

2 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO O PERFIL DO VERDADEIRO LÍDER

Zinaldo A. Santos

4 ENTREVISTA ENVOLVIMENTO VOLUNTÁRIO É O SEGREDO

Lourival Gomes de Souza

8 ARTIGOS ADVENTO SEM PAROUSIA

Almir A. Fonseca

11 MUDANÇAS NO CULTO CRISTÃO

Don Hustad

17 O EXEMPLO DA IGREJA APOSTÓLICA

Rafael Luiz Monteiro

22 OS NOVOS AMIGOS DE JÓ

Moisés Mattos

25 PASTOR COMO TORNAR RELEVANTE A PALAVRA

Rex Edwards

30 AFAM DEFUNTOS NA GELADEIRA

Jean Coleman

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Editor de Arte:** Wilson de Almeida; **Diagramação:** Jobson dos Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho.

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

3498

Envolvimento voluntário é o segredo



Pastor Lourival Gomes de Souza

Natural do Estado do Amazonas, onde nasceu num lar cristão, sendo inclusive neto de pioneiros, o Pastor Lourival Gomes de Souza formou-se em Teologia no Instituto Adventista de Ensino, em São

Paulo, no ano de 1979. Em seguida, iniciou suas atividades ministeriais na Missão Central-Amazonas, onde permaneceu até 1985, dirigindo-se então para a França, juntamente com a esposa, Chantal Massard Souza, a fim de cursar o mestrado em Teologia no Seminário Adventista de Collonges. Em 1988, retornou ao Amazonas, servindo como pastor distrital, até 1992. No ano seguinte, aceitou o chamado da Missão Maranhense, onde lidera os Departamentos de Escola Sabatina, Ministério Pessoal, acumulando também a função de secretário ministerial.

O casal tem um filho, Rafael.

Neste ano, faz uma pausa nas atividades do Campo, para concluir o doutorado em Teologia Pastoral, no Salt-IAE, onde concedeu a seguinte entrevista:

MINISTÉRIO: *Como vai o crescimento da Igreja Adventista na União Norte-Brasileira?*

PASTOR LOURIVAL: *Posso dizer que vai muito bem. O crescente número*

de batismos a cada ano mostra claramente esta realidade. Todos os Campos avançam bem na Missão Global. Além de já termos uma Associação (Amazônia Ocidental), fala-se na divisão de outros Campos, como é o caso da Missão Baixo-Amazonas. Lugares novos são penetrados com a mensagem de salvação todos os anos. Evangelismo é rotina na União Norte-Brasileira.

MINISTÉRIO: *A que o senhor atribui esse progresso?*

PASTOR LOURIVAL: *A participação leiga é fundamental. Os membros assumiram o compromisso com o evangelismo e com a obra de discipular. Aliado a esse fator, também acrescento o arrojado programa de treinamento e capacitação, desenvolvido pelos pastores distritais, eles mesmos também participando*

ativamente na tarefa de evangelização. Todos os pastores, incluindo administradores e departamentais, estão envolvidos em programas de evangelismo público. Pelo menos duas campanhas, de grande, médio ou pequeno porte, são realizadas: uma no primeiro semestre, aproveitando a Semana Santa; e outra no segundo semestre. Existem distritais que realizam mais de duas campanhas por ano.

MINISTÉRIO: *A cidade de Manaus é uma das mais evangelizadas do Brasil, com um baixíssimo índice de não-adventistas em relação aos adventistas. Mas qual é a situação no interior do Estado?*

PASTOR LOURIVAL: Pelo que sei, justamente devido à concentração do trabalho na capital amazonense, durante muitos anos, o Campo direcionou suas armas para o interior. Pouco a pouco, as grandes cidades vão recebendo a visita do evangelista, sendo realizada, inclusive, uma campanha metropolitana em Maués, em 1994. No ano passado, a cidade de Boa Vista, capital de Roraima, foi centro de uma grande campanha. Cidades como Borba e Coari, por exemplo, também já foram atingidas. Devido às peculiaridades geográficas da região,

onde o acesso às cidades interioranas é quase exclusivamente por via fluvial, existe o desafio do transporte de material e equipamento. Não é fácil, por exemplo, transportar num barco o auditório móvel e seus acessórios, mas o trabalho está sendo feito. Outro meio de evangelizar o interior do Amazonas, são as campais, que reúnem irmãos de um ou mais distritos com seus interessados. Esses encontros acontecem freqüentemente com a presença de líderes da Missão.

MINISTÉRIO: *Qual o papel das lanchas "Luzeiro" na evangelização do Amazonas?*

PASTOR LOURIVAL: As lanchas exercem um papel decisivo no trabalho de evangelizar o Amazonas. Desde os tempos do

Pastor Léo Halliwell, elas têm contribuído para tornar mais conhecida a Igreja Adventista, atendendo à população ribeirinha. Além de levar aos mais longínquos rincões alívio para dores físicas, à noite, onde quer que estejam aportadas, são realizados encontros para a apresentação do bálsamo para as dores espirituais: Cristo e a salvação que oferece.

MINISTÉRIO: *Bem, depois de falar sobre o Amazonas, vamos para o seu Campo, a Missão Maranhense.*

PASTOR LOURIVAL: É. Depois de trabalhar no Amazonas, posso dizer que no Maranhão, o envolvimento evangelístico também é algo inacreditável. O povo, dentro e fora da igreja, é altamente responsivo. O envolvimento de pastores e leigos tem transformado a Missão Maranhense verdadeiramente num "Campo dos Milagres". Somente nos últimos três anos, aproximadamente 22 mil pessoas foram batizadas.

Para que uma igreja cresça, primeiramente, o pastor deve estar pessoalmente envolvido e comprometido com a missão. Em segundo lugar, a igreja também deve estar envolvida. Quando existe um comprometimento consciente de cada parte, o trabalho será realizado, apesar das dificuldades.

MINISTÉRIO: *Há um distrito em São Luís que sempre batiza mais de mil pessoas num ano. Como isso é possível?*

PASTOR LOURIVAL: Primeiramente, foi o Pastor Carlos Franca que em seu distrito lançou o projeto de

batizar mil pessoas num ano. Ele contava especialmente com a ajuda da força voluntária. Formava equipes, treinava, capacitava seus membros, dava-lhes material e, evidentemente, também fazia a sua parte. Depois, ele foi nomeado departamental e foi substituído pelo Pastor Raimundo Moreno. Esse valeu-se de outro método – o evangelismo público. Chegou a realizar cerca de cinco campanhas num ano e construir cinco igrejas. Os novos membros eram colocados sob a supervisão de líderes experientes enquanto ele continuava evangelizando. Suas campanhas colhiam em média 200 batismos que, somados ao trabalho rotineiro das igrejas, chegaram a aproximadamente 1.300 batismos em um ano.

MINISTÉRIO: *O senhor acha que é possível um pastor atender equilibradamente todas as áreas da igreja, realizando cinco séries de conferências e construindo cinco igrejas num ano?*

PASTOR LOURIVAL: Aqui está envolvida uma questão de crescimento de igreja. Para que uma igreja cresça, primeiramente o pastor deve estar comprometido e pessoalmente envolvido com a missão. Um segundo fator é que a igreja também deve estar envolvida. O papel do pastor é treinar líderes que ajudem na administração sábia dos negócios da igreja local, supervisionados por ele. Quando existe um comprometimento consciente de cada parte, o trabalho será realizado, apesar das dificuldades encontradas no caminho.

MINISTÉRIO: *Em que margem percentual situa-se o problema da apostasia, no Maranhão?*

PASTOR LOURIVAL: Para ser sincero, não tenho essa informação em termos numéricos. Logicamente esse é um problema geral, e o Maranhão não está imune. A Igreja defronta-se com essa questão. Aliás, ela teve origem no Céu, quando Lúcifer se rebelou. Todos nós, líderes e membros temos algo a ver com o problema, mas não devemos arrefecer o ânimo evangelístico, com medo de que em algum momento vamos ter de encará-lo. Precisamos capacitar nossos líderes voluntários, especialmente anciãos e diáconos, para que eles desempenhem com sabedoria sua função de co-pastores da igreja.

MINISTÉRIO: *Que plano específico a Missão Maranhense coloca em prática, para conservar tantas pessoas que são batizadas anualmente?*

PASTOR LOURIVAL: Acredito que a Escola Sabatina é fundamental para a conservação dos membros. Por isso mesmo, o alvo é fortalecer as Unidades Evangelizadoras, desenvolvendo uma atitude fraterna entre os membros, e incentivando

seu envolvimento nas atividades missionárias. Outros setores como Desbravadores, Jovens Adventistas, também buscam integrar o segmento sob sua orientação. Dessa forma, se o membro da igreja se sente aceito, bem-vindo, e tem oportunidade de participação, terá meios para se fortalecer na igreja.

MINISTÉRIO: *Como serão conduzidas as atividades dos seus departamentos, já que o senhor permanecerá no IAE, durante este ano? Quais as principais metas que serão perseguidas?*

PASTOR LOURIVAL: Segundo deliberação da Mesa Administrativa da Missão Maranhense, elas serão divididas entre os outros colegas departamentais, e também o

O secretário ministerial deve ser leal à administração do Campo ao qual serve. Mas essa lealdade não deve ser obtida às custas da confiança que lhe foi depositada pelo pastor distrital. O pastor quer ter no ministerial um amigo e um homem de Deus, no qual ele pode confiar.

presidente. Entre as grandes metas, destaca-se a de complementar a evangelização dos municípios do Sul maranhense. Essa é a região mais rica do Estado, mas pouco evangelizada, devido à distância. Já foram penetra-

das seis cidades no ano passado. Continuaremos a luta, sem esquecer os demais lugares, ao longo do Estado do Maranhão. O presidente, Pastor Gilberto Oliveira, planeja enviar obreiros bíblicos para alguns desses lugares, e também captar recursos para favorecer a mudança de famílias que queiram residir em cidades sem adventistas.

MINISTÉRIO: *O que o senhor, como um secretário ministerial, espera ver num pastor?*

PASTOR LOURIVAL: Em primeiro lugar, a comunhão com Deus. O pastor não pode descuidar disso. A igreja espera que ele transmita o reflexo deste relacionamento com Deus, quer nas mensagens transmitidas do púlpito, quer nas visitas particulares. Em segundo lugar, ele precisa aplicar-se ao estudo, para que tenha mensagens interessantes e poderosas. Depois vem a atenção que precisa dedicar à família. Se o pastor estiver bem com Deus e com a família,

tudo o mais correrá favoravelmente. As provas serão enfrentadas com novo ânimo, resultando em vitória.

MINISTÉRIO: *Em regiões receptivas, às vezes o critério de maior peso na avaliação de um pastor é o número de batismo. O senhor acha justo que seja assim?*

PASTOR LOURIVAL: Do pastor, espera-se que seja um ganhador de almas. Mas também que faça o trabalho de apascentar as ovelhas que traz ao aprisco, criando condições para que elas gerem outras ovelhas também. Sinceramente, jamais ouvi falar de um pastor que tenha sido dispensado do trabalho por não alcançar o alvo de batismo, pelo menos na União Norte. Não tenho conhecimento disso. Se um pastor trabalha numa região considerada resistente, os administradores saberão avaliar as condições e os resultados do seu trabalho. Nenhuma avaliação unilateral é justa.

MINISTÉRIO: *O que está sendo feito para alcançar as classes resistentes que também existem em sua região?*

PASTOR LOURIVAL: As dificuldades para se alcançar as classes média e alta, na Missão Maranhense, são as mesmas de todos os lugares. Mas estamos executando um projeto evangelístico através da Escola de Inglês. As pessoas que são matriculadas, geralmente de classes especiais, além de aprender o idioma, têm oportunidade de ouvir a mensagem de salvação. O ensino do idioma é a "isca" da pescaria.

MINISTÉRIO: *Como é possível conciliar o trabalho de ministerial e departamentos como Escola Sabatina e Ministério Pessoal?*

PASTOR LOURIVAL: Este é um problema da nossa realidade, especialmente lá no Norte, onde, devido às condições financeiras limitadas, não podemos ter um pastor para cada departamento. O ideal é sempre que o ministerial seja somente ministerial. Mas, não sendo possível, temos que nos organizar de tal modo que tudo fique bem atendido.

MINISTÉRIO: *De que maneira o ministerial pode manter a confiança do pastor distrital, sem arestas com os administradores?*

PASTOR LOURIVAL: O pastor quer ter no ministerial um amigo e um homem de Deus, no qual ele pode confiar. É uma tragédia

quando o ministerial trai essa confiança. Já se disse que o ministerial deve ter um pé na sala do pastor e o outro no escritório do presidente. Não é questão de ficar "em cima do muro", mas de ser confiável para os dois lados. Afinal, ele é pastor também do administrador ou presidente. O ministerial também precisa ser leal à administração. Essa lealdade, entretanto, não deve ser obtida às custas da confiança que lhe foi depositada pelo pastor distrital.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê a Igreja no limiar de um novo século?*

PASTOR LOURIVAL: Vejo com bons olhos. A Igreja tem crescido, alcançado quase todo o planeta. Por outro lado, temo que a secularização invada a Igreja de tal forma que acabe mudando princípios. Precisamos conscientizar a Igreja no sentido de que somos um povo especial, o povo de Deus, que se prepara para morar com Ele na Pátria celestial. Somos peregrinos em direção ao Céu. Para alcançá-lo, precisamos vivê-lo aqui na Terra. O que eu espero é que o próximo século traga a coroação de todas as nossas esperanças.

MINISTÉRIO: *Segundo sua maneira de ver, como pode o pastor adventista satisfazer às exigências do mundo atual?*

PASTOR LOURIVAL: Olha, é maravilhoso pertencer à Igreja Adventista. Essa é a Igreja de Deus, cuja liderança está consciente de seu papel no mundo. Por isso mesmo tem investido no preparo intelectual dos pastores. O preparo espiritual é algo íntimo, cada pastor deve saber buscá-lo dia após dia. Mas a Igreja tem também investido, como já disse, no preparo intelectual. Temos à disposição o mestrado e, agora, o doutorado. Certamente muitos serão enviados para receber os benefícios desses cursos. Nenhum pastor deve deixar passar a oportunidade de crescer intelectualmente, em troca de função administrativa ou "promoção" departamental. Tudo isso é passageiro. Só o conhecimento intelectual e espiritual permanece.

MINISTÉRIO: *Sua mensagem especial para os leitores de Ministério.*

PASTOR LOURIVAL: Devemos pregar, amar e manter viva a esperança da volta de Jesus. É nossa bendita esperança. Nossa identidade denominacional. Diante dela não podemos ficar estáticos. Vamos, assim, apressá-la.

Advento sem parousia

ALMIR A. FONSECA

Ex-editor de Ministério, jubilado,
reside em Tatuí, SP.

Em 1876, um cavalheiro de nome Nelson Barbour encontrou uma boa saída para o segundo desapontamento sofrido pelos russeletas. Jonas Wendell havia marcado a data de 1874 para a segunda vinda de Jesus, mas nada aconteceu, como era de se supor. “Baseando-se na tradução bíblica *Diaglótico Enfático*, que traduz a palavra ‘vinda’, de Mateus, por ‘presença’”,¹ Barbour começou a ensinar que Cristo veio realmente na data indicada pelo seu antecessor, mas de maneira invisível. A interpretação ensinada por Nelson Barbour foi prontamente aceita por Charles Russel que,

em 1879, passou a escrever sobre o assunto, como tendo ocorrido em 1874.²

A palavra grega que a *Diaglótico Enfático* usou para “presença”, foi *parousia*. Em português, tem ela som parecido com o da língua original. Há, contudo, duas coisas relacionadas com esse vocábulo, ao considerarmos o assunto da segunda vinda de Jesus, as quais merecem atenção. Uma delas é que, embora *parousia* possa ser traduzida por “presença”, não é esse o seu único significado. A outra é que nem todos os textos que falam da segunda vinda de Cristo, usam a



palavra *parousia*. Embora possa ela figurar em um bom número de textos, muitos outros há que tratam igualmente do retorno de nosso Senhor a este mundo, os quais dizem de maneira clara que a volta de Jesus será visível, gloriosa e em uma ocasião futura; e, nelas, não existe a palavra *parousia*, mas outros vocábulos.

O que dizem os dicionários

Alguns dicionários chegam a atribuir à palavra *parousia* cinco e até mais significados, não sendo justo, portanto, apegar-se apenas ao de “presença”. O de Isidoro Pereira, por exemplo, define a palavra como “Presença, atualidade, ocasião favorável, chegada, advento.”³ Souter a define como “Visita real, chegada de um rei.” e Thayer assim a define: “Futura, visível volta de Jesus, o Messias, do Céu para ressuscitar os mortos, realizar o juízo final, e estabelecer formal e gloriosamente o reino de Deus.”

Embora à semelhança dos demais já citados, F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker comecem definindo a palavra *parousia* como “presença”, dão-lhe, também, estes significados: “Vinda, advento – a) de seres humanos; b) de Cristo e Seu advento messiânico no fim desta era.”⁴

Textos bíblicos

Após verificarmos os vários sentidos dados à palavra *parousia*, vejamos agora alguns textos bíblicos nos quais figura essa palavra, para em seguida examinar outros em que ela não aparece, embora também falem da segunda vinda de Jesus.

Um dos textos em que ela aparece é Mateus 24:3. Este verso declara que Jesus Se encontrava no Monte das Oliveiras, e que Seus discípulos dEle se aproximaram, pedindo-Lhe que lhes dissesse quando se cumpririam as coisas que acabara de dizer-lhes; Queriam saber também que sinal teriam da vinda do Senhor e do fim do mundo. No original, a palavra utilizada para vinda, neste verso, foi *parousia*.

A mesma coisa ocorre com I Coríntios 15:23. Em praticamente todo este capítulo, o apóstolo Paulo trata da ressurreição dos mortos. No verso 23, explica ele como se dará esse acontecimento. “Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, em Sua vinda.” No grego, foi usada para vinda a palavra *parousia*.

I Tessalonicenses 4:15 a 18 constitui-se um dos mais belos e confortadores textos bíblicos. Muitos fiéis têm nele renovado as suas esperanças de rever entes queridos que foram chamados ao descanso. A morte passa a não ter os aspectos sombrios que comumente possui quando a pessoa falecida não dorme o sono dos justos. Com base na palavra do Senhor, o apóstolo declarou aos cristãos de Tessalônica que aqueles que se encontrarem “vivos para a vinda do Senhor” (verso 15), não irão para o Céu antes que os que estão dormindo no Senhor ressuscitem. A palavra usada

da pelo apóstolo Paulo, na expressão “vinda do Senhor”, também foi *parousia*.

Essa foi também a palavra que ele usou sua segunda carta aos tessalonicenses. Em II Tess. 2:1, escreveu ele: “Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com Ele...” Nesse apelo para que os seus leitores não desistissem facilmente do seu entendimento, falou da vinda do Senhor, utilizando a palavra *parousia*.

É interessante notar que, em todos estes textos, nenhuma indicação há de que Cristo estaria presente em um lugar qualquer, sem que fosse visto por olhos humanos. Pelo fato de Sua vinda estar ligada a fenômenos como a ressurreição dos mortos, que somente ocorrerá no momento da volta de Jesus, torna-se difícil conciliar Sua simples presença, com o Seu efetivo aparecimento nas nuvens do Céu.

Outras palavras

Um exame dos principais textos bíblicos que tratam da segunda vinda de Jesus, mostra que embora muitos deles contenham a palavra *parousia*, esse termo está ausente nos demais. Outras palavras são usadas em

seu lugar. É o caso, por exemplo, de Mateus 24:30. Como sabemos, após falar de vários fenômenos que ocorrerão no Céu sideral (verso 29), Jesus acrescentou: “Então aparecerá no Céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da Terra se lamentarão, e verá o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do Céu.” No grego, a palavra empregada no Evangelho de Mateus, para “vindo”, na expressão “vindo nas nuvens do Céu”, foi *erkómenon*, participio do verbo *erkomai*.

O mesmo verbo, no infinito (*erketai*), encontra-se em Lucas 17:20. Nesse verso, os fariseus interrogaram a Jesus sobre a vinda do Seu reino. Ele respondeu que este não vem com aparência exterior. Naturalmente, Seus interlocutores se referiam ao reino temporal de Jesus, como o revela o contexto, e o Salvador lhes falou do reino da graça. Em João 14:3 e Apocalipse 22:20, passagens que falam da segunda vinda de Cristo, o mesmo verbo é encontrado nos tempos futuro e presente. Respectivamente, *erkomaikai* e *erkomai*.

Em Atos 1:11, Lucas usou a palavra *eleúsetai*, para dizer que Jesus virá novamente a este mundo. “Varões galileus, por que estais olhando para o Céu?” perguntaram os anjos. E continuaram: “Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, há de vir assim como para o Céu O vistes ir.” (grifo suprido). O mesmo verbo, respeitados os tempos e modos em que foram empregados no texto bíblico, é encontrado em Mateus 25:31; Luc. 18:8; Judas 14; I Cor. 11:26. Aparece também em Mateus 11:18 e 19, onde Jesus conversa com os fariseus sobre João Batista e censura-lhes a incoerência.

Jesus definiu também a Sua vinda como manifestação. Depois de predizer as condições que prevalecerão antes do Seu regresso ao nosso planeta, disse Ele em Lucas 17:30: “Assim será no dia em que o Filho do homem Se há de manifestar.” A palavra original, aqui traduzida por manifestar, é *apokalyptetai*, mostrando assim a variedade de termos utilizados para descrever aquele que será o maior de todos os acontecimentos da

história terrestre.

Finalmente, mais um texto sobre o breve regresso de Jesus à Terra, no qual a palavra *parousia* está ausente. Trata-se de Tito 2:14. Nele, Paulo fala ao seu colaborador sobre a maneira de aguardar o que chama de “bem-aventurada esperança, e a glória do grande Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo”. O termo usado pelo escritor, para “aparecimento”, foi *epifaneian*, palavra que pode também ser traduzida por manifestação e vinda.

Mais um termo

Os discípulos de Jesus conheciam outra palavra para significar presença. O apóstolo Pedro a usou no dia de Pentecostes. Trata-se da palavra *prosotou*. Ao exortar os judeus para que se arrependessem de ter matado a Cristo, em Atos 3:19 e 20, disse ele: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos de refrigério pela presença do Senhor.” O substantivo *prosotou*, usado por Pedro, refere-se à presença de Cristo no coração. Os arrependidos seriam refrigerados interiormente. Cristo lhes traria

conforto e paz à mente culpada. Sua presença na alma, expulsaria a condenação de terem praticado tão grande delito. Trata-se de uma presença que deve ser entendida como permanência, o que difere de *parousia*, que tem o sentido de vinda.

O que fica bastante claro, ao examinarmos todos esses textos, é que exige muito esforço marcar data para a vinda de Cristo, com base em certas porções bíblicas, e depois buscar nova interpretação para que justifique o erro cometido. Melhor do que tudo isso, é esperar que Deus cumpra o Seu propósito quando achar conveniente. Orar por isso, constitui uma boa ocupação de nossa parte.

Referências:

1. Azenilto G. Brito, *O Desafio da Torre de Vigia*, pág. 23.
2. *Ibidem*.
3. Isidoro Pereira, *Dicionário Grego-Português, Português-Grego*, pág. 429.
4. William C. Taylor, *Dicionário do Novo Testamento*

Melhor do que ficar
marcando e desmarcando
datas para a volta de Cristo,
é esperar que Deus cumpra
o Seu propósito quando
achar conveniente. E orar
por isso.

Mudanças no culto cristão

DON HUSTAD

*Professor de Música na Igreja, no Seminário
Teológico Batista do Sul, Louisville,
Kentucky, EUA.*



sões de louvor, como seus maravilhosos símbolos. Para outras, o que está havendo é um irreverente saneamento da liturgia, um destrutivo ataque às raízes de nossas tradições evangélicas. Tais pessoas acreditam que o problema deve-se ao conflito existente entre os diversos grupos etários, ou às preferências culturais de determinados grupos cristãos.

Mas, poderia isso ser apenas uma “terrível primavera” que precede um genuíno reavivamento? Pela primeira vez, alguns evangélicos estão começando a compreender o significado do louvor cristão coletivo e completo, e encarregando-se de colocá-lo em prática.

Experiências do passado

“Uma das terríveis primaveras de Deus.” Essa frase apareceu num dos sermões que ouvi de Billy Graham, mas já não me lembro do contexto em que foi empregada. A idéia que ficou é que existem períodos na história, nos quais determinadas circunstâncias da vida e cultura parecem ser ameaçadoramente escuras, como o frio cortante e a nevasca de uma tempestade de inverno em regiões de clima temperado. Mas o inverno deve ser não mais que uma “terrível primavera”, porque rebentos vivos estão começando a brotar das sementes adormecidas sob a neve e o gelo. Uma nova paisagem verdejante logo poderá ser vista.

No culto moderno, os ventos de mudança estão soprando; e, em alguns casos, muito fortes. Antigas formas de louvar, especialmente em se tratando da música, estão cedendo lugar a novas maneiras. Algumas pessoas vêem tal mudança como uma agradável primavera. A nova música e as novas expres-

A Igreja viveu tempos de terríveis primaveras em outras ocasiões na sua história. Durante a Reforma do século XVI, num esforço para remover os erros teológicos e o excesso de liturgia na Idade Média, líderes evangélicos jogaram fora muito do que era significativo e ortodoxo. Zuínglio, por exemplo, eliminou toda música de seus serviços, e Calvino tentou fazer o mesmo.

Quando finalmente o reformador Genevan admitiu a música no culto, ela foi limitada aos salmos métricos, canto uníssono pela congregação. Hinários foram queimados e órgãos destruídos a golpes de machado. A Igreja inglesa foi muito influenciada por Calvino, especialmente durante a rebelião que submeteu a comunidade ao comando de Cromwell. Os Puritanos erradicaram a música instrumental e coral, escritos litúrgicos e todos os simbolismos de culto. Uma vez restaurada a monarquia, o culto anglicano tentou restabelecer o equilíbrio.

A mais recente onda de mudança tem afetado negativamente a música da Igreja americana, por quase 200 anos. Em 1800, uma reunião campal de reavivamento rompeu a severa fronteira cultural de Kentucky. Aquele encontro foi caracterizado por expressões altamente verbais e físicas semelhantes às aquelas verificadas nos modernos cultos carismáticos. A própria música tinha muito em comum com a de hoje: simplista, altamente repetitiva, freqüentemente improvisada no fervor de uma experiência de culto, e centralizada num refrão que prefigurava os corinhos modernos.

A obsessão com essa novidade foi tamanha que muitas igrejas perderam completamente o interesse nos teologicamente ricos hinos de Isaac Watts e Carlos Wesley, que estavam começando a ser conhecidos no país.

O movimento campal foi parte da longa sucessão de fenômenos reavivamentistas que culminaram com o Segundo Despertamento de Carlos Finney, e as missões de Dwight Moody, no século XIX. Além disso, a reunião campal espiritual tornou-se o modelo para os cânticos que posteriormente dominaram a vida evangélica por 150 anos. Como tradutores da experiência cristã, os cânticos evangélicos se tornaram o complemento lógico da pregação evangélica. No entanto, em virtude de sua popularidade, muitas igrejas jamais aprenderam ou usaram a herança dos cânticos evangélicos de culto, que histórica e teologicamente lhes pertencia.

Louvor e evangelismo

Atualmente, nem todos os ventos das mudanças litúrgicas sopram na mesma direção, e nem todos os resultantes conceitos de música e culto são realmente novos. Certas igrejas têm praticado o “culto reavivalista” através de sua história. Para elas, o serviço de culto é uma oportunidade para evangelizar os incrédulos ou recrutar membros para a igreja. A estrutura do serviço e seu estilo, lembram uma cruzada evangélica, com ênfase no sermão e seu chamado para um compromisso inicial com Cristo, ou para o serviço na igreja local. Os “preliminares” em tais ocasiões consistem de um excitante e cativante período de música e testemunho, dirigido por músicos e líderes capacitados.

Muitas igrejas reavivamentistas de hoje decidiram reformular seu estilo de acordo

com o que é apresentado na televisão. Assim podem ter um auditório com alguns milhares de pessoas, assistindo a uns 500 coristas, orquestras completas, e solistas que cantam segundo os mais excitantes arranjos escritos por astros e estrelas da música atual. A superigreja de hoje possui atrações para todos os gostos. Vai ao quarto de dormir, sala de visitas, piscinas, saunas e clubes sociais. Oferece abertamente atividades espirituais para todas as idades.

Os especialistas em crescimento de igreja lembram aos pastores que os cristãos modernos cresceram numa cultura consumista, na qual têm oportunidade de fazer muitas escolhas. Evidentemente, muitas igrejas estão preparadas para criar um “*shopping center* cristão”, onde todos os desejos podem ser satisfeitos, mesmo que os custos possam ser elevados.

Outros líderes, talvez aqueles que perdem membros na competição com a superigreja, poderiam afirmar que o “culto reavivamentista” não é uma experiência de adoração completa e amadurecida para todos os seus participantes. Pois, como uma cruzada evangélica de sucesso, para os crentes mais antigos, ele apenas representaria, no máximo, uma lembrança de sua caminhada inicial na fé e uma oportunidade para renovar compromissos com Cristo; e, no mínimo, uma experiência de entretenimento pré-evangélico seguida de um sermão direcionado para alguma outra pessoa.

Os organizadores do culto para a superigreja estão convencidos de que devem planejar programas atrativos para os inconversos, com uma exibição de estímulo emocional igual ao que é executado por artistas profissionais do *show business* secular. Se alguém perguntar por que todos os solos, ou cânticos em grupos, precisam ter batidas e efeitos arrepiantes, a resposta provavelmente será que eles estão competindo com o bombardeio de altos decibéis da música popular contemporânea. Kenneth A. Myers,¹ ex-editor da revista *Eternity*, não deveria ficar impressionado com a explicação. Ele considera que o mundo evangélico moderno tem-se identificado completamente com a cultura popular hodierna, uma cultura de diversão cujos dois maiores símbolos são a música *rock* e a televisão, uma cultura caracterizada por uma busca de novidade e uma imediata satisfação de desejos.

Os boletins de serviços de culto, publicados pela *Willow Creek Church*, no subúrbio de Chicago, poderiam ser mais honestos quanto ao significado do genuíno evangelismo nos fins de semana. Eles não anunciam um culto, mas apenas “eventos” onde os interessados devem ouvir o evangelho de Jesus Cristo. De acordo com seus patrocinadores, as apresentações de final de semana são planejadas para pessoas que saíram de igrejas tradicionais “devido aos constantes pedidos de dinheiro”, “em virtude de que as formas de culto perderam o significado”, ou “porque a pregação não se relaciona com o dia-a-dia”.

Por essas razões, as pessoas são convidadas para a *Willow Creek* a fim de que possam ouvir alguma coisa que lhes diga respeito e também se alegrem. Não se espera que elas apenas “vistam-se para o domingo”, cantem e doem ofertas. O cenário é o de uma representação teatral. A parte anterior ao sermão é desempenhada por uma orquestra de alta qualidade profissional, excelentes cantores, e uma apresentação dramática do sermão para ilustrar seu relacionamento com a vida real. O traço central é um sermão cuidadosamente racional, desprovido de rasgos emocionais e sem muito colorido bíblico ou teológico, mas que estabelece a suprema relevância da fé cristã na vida diária.

Os líderes da *Willow Creek Church* explicam que os serviços do final da semana não são para crentes amadurecidos. Para eles, são reservadas as noites de quarta e quinta-feira, quando acontecem programações especiais, ou ainda as reuniões de pequenos grupos.

Certas questões, no entanto, permanecem sem resposta. Alguns observadores crêem que muitos dos 15 mil frequentadores da *Willow Creek*, nos finais de semana, não são realmente inconversos, mas cristãos antigos que escondem sua responsabilidade de discipulado no anonimato da multidão.

Culto carismático

Único grupo da Igreja contemporânea que parece estar seguro de que é chegado um tempo de primavera espiritual, são os carismáticos. Pelo menos, esses evangélicos glossolálicos desenvolveram uma prática de

culto totalmente dentro de sua exegese escriturística e teológica. Ao mesmo tempo, eles e seus correspondentes mais históricos, os pentecostais, possuem uma invejável marca em evangelismo. Além disso, os carismáticos têm exercido uma extraordinária, e, segundo acredito, injustificável influência sobre o culto e a música não-carismáticos; por um lado, porque eles têm produzido muita música congregacional nova e popular; e, por outro, em virtude de que eles comunicaram com êxito o fundamento lógico de seu culto.

Os carismáticos compreendem que Deus está verdadeiramente presente no culto, e esperam vivenciar o encontro com Ele, produtor de milagres e grande regozijo. Ao mesmo tempo, muitos deles abominam a fórmula de “entretenimento” do culto, eliminando muitos solos e especialmente canto coral, em favor da participação total da congregação. Envolvimento pessoal e regozijo no culto são realçados pelos símbolos e atos que integram a pessoa completa. Emblemas e especialmente expressão corporal – levantar de mãos, bater palmas, abraços e danças – são atitudes muito significativas no serviço. Entretanto, a experiência cognitiva tende a ser enfatizada apenas no sermão.

Uma compreensão mais completa dos serviços carismáticos pode ser melhor obtida de um de seus representantes, Graham Kendrick. Todo estudante de prática litúrgica pode concordar com muito do que ele diz em seu livro *Learning to Worship* (Aprendendo a Cultuar).² No entanto, certos conceitos devem ser notados, desde que eles partem do pensamento evangélico típico e afetam o uso da música no serviço de culto.

Louvor e música de culto

Para os carismáticos, louvor e culto são entidades diferentes.³ Para eles, o culto ocorre somente numa freqüente experiência glossolálica, transcendente, na qual um crente entra num lugar “Santo dos Santos”, a verdadeira presença de Deus. A aproximação dessa experiência íntima e extática acontece através do “Lugar Santo”, onde os adoradores entoam apenas cânticos de louvor, “expressões dos atributos de Deus ou Seus nomes bíblicos”. Nesse processo, o líder do culto é muito importante. Essa pessoa, acompanhada de outros cantores e orquestra, inclusive instrumentos de percussão, conduz o

cântico de acordo com uma bem planejada mas aparentemente espontânea progressão, encorajando o povo a “abandonar-se a si mesmo ao Espírito”, em cânticos, palmas e dança. Finalmente, o prolongado e excitante canto dá lugar à respeitosa quietude, quando os crentes entram na santa presença de Deus, podendo expressar livremente sua adoração de qualquer maneira que escolher: falando ou cantando em línguas, interpretando, profetizando, ou qualquer outra forma.

A perda de performance musical

Os não-carismáticos poderiam aprovar e imitar seus amigos mais emocionais em sua maior ênfase sobre a participação congregacional, em lugar de solistas e corais. Mas há aqueles para os quais existe um distinto senso de perda, no qual não há oportunidade para música com maior identidade harmônica, melódica e substancial. Eles poderiam lembrar aos carismáticos que também existe emoção nas mais sofisticadas expressões musicais. Deveriam questionar se o uso de mantras cristãs satisfaz a moderna preocupação por gratificação instantânea, e se não há uma adicionada, e possivelmente rica, experiência na imaginação estimulada, uma resposta que vem de outra música.

Para muitos evangélicos, o treinamento e emprego de cantores jovens, crianças e adultos em solos, conjuntos, corais e grupos instrumentais, significam uma resposta positiva ao requerimento para serem bons mordomos dos talentos musicais outorgados por Deus, e um desafio para oferecer-Lhe o nosso melhor “sacrifício de louvor”. Embora o canto congregacional possa ser elemento central no culto, o ato de ouvir a música também provê uma experiência diferente e adicional, que pode ser mais cognitiva, especialmente se a letra está impressa no boletim.

O Velho Testamento certamente endossa a execução musical. O mais profundamente comovedor relato de culto musical ali encontrado está em II Crônicas 5:11 a 14, onde, coincidente com a música do coro sacerdotal e dos instrumentistas, “a glória do Senhor encheu a casa de Deus”.

Fundamento do louvor carismático

The Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements (O Dicionário dos Movimentos Pentecostal e Carismático),⁴ lista a

palavra “louvor” como uma das nove únicas ênfases de seu movimento transdenominacional. Terry Law, um dos expoentes líderes dessa área, fala de louvor em termos quase sacramentais: “Louvor silencia o demônio. Louvor é um traje do Espírito. Louvor conduz os crentes no triunfo de Cristo. Louvor traz revelação. Prepara-nos para milagres. É a maneira de entrar na presença de Deus. Deus habita nosso louvor (Salmos 22:3).”⁵

Como Law expressa, a preparação para o louvor no lugar santo começa no átrio exterior do templo, onde a congregação entoia cânticos de ações de graças pelos poderosos feitos de Deus. Uma vez que estão num lugar santo, os cânticos devem ser puramente de louvor, livres de autojustificação. A Escritura apóia esse pensamento, em Salmo 100:4: “Entrai em suas portas com ações de graças, e em seus átrios com louvor.” Todavia, na experiência prática, os carismáticos e seus imitadores raramente cantam dos atos de Deus; falam apenas da pessoa de Deus.

Nesse tipo de louvor não há espaço para cânticos que são didáticos, penitenciais, confessionais, peticionários, ou narrativos da experiência cristã. Porém, deve ser notado que nenhum Salmo do Velho Testamento é um “puro louvor”. Muitos deles mencionam os feitos de Deus em favor de Seu povo, juntamente com todas as formas de oração mencionadas acima.

A idéia que a dignidade de Deus deve ser a base para o culto cristão, tem sido mencionada frequentemente como explicação de que a palavra culto em inglês – *worship* – é derivada do termo anglo-saxão *weorthscipe*, que quer dizer “atribuindo valor”, e que Deus é digno de louvor. É verdade que Isaías 6 fala de Deus como santo (o cântico dos anjos), poderoso (as colunas da porta), e cercado de mistério (a casa encheu de fumaça), mas também fala de Seu amor expresso em ações de purificação e redenção.

Paul Wairmann Hoon assinalou que o conceito da dignidade de Deus não poderia ser o primeiro ponto de partida, porque “a categoria de valor no pensamento bíblico é secundária diante das categorias de ser, decisão e ação”.⁶ Ao lado disso, ele afirma, essa não é uma idéia distintivamente cristã, uma vez que ela é partilhada por outras religiões e filosofias. Finalmente, ela nega a transcendência de Deus, pois implica que a “iniciativa do culto reside no homem ... que reconhece e atribui valor”.

Um padrão melhor

Enquanto os carismáticos usam imagens do Velho Testamento no desenvolvimento de um culto racional, aparentemente ignoram as implicações no relato do Novo Testamento, no sentido de que a Igreja primitiva cantava “salmos e hinos e cânticos espirituais” (Efés. 5:19; Col. 3:16). Os cânticos espirituais são evocados pelos carismáticos como sendo sua única expressão de cânticos glossolálicos, e não existe razão para contender com tal identificação.

Todavia, Paulo também identifica “salmos e hinos” como sendo cantados pela Igreja primitiva. Os salmos contêm muito mais que louvor. Neles são encontradas todas as formas de oração, tais como ações de graças, confissão, petição, submissão, e até mesmo lamentações. Hinos, segundo muitos acreditam, foram criados para satisfazer a necessidade de a Igreja primitiva expressar fé, e sua compreensão dessa virtude, em Cristo. Muitos exemplos dos hinos cristãos primitivos são encontrados nas epístolas de Paulo. Por exemplo, I Timóteo 3:16: “Aquele que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória.”

É interessante notar o compreensivo caráter do canto no Novo Testamento. Os salmos eram escriturísticos, históricos, e clássicos em sua natureza. Os hinos eram expressões poéticas e teológicas. Os cânticos espirituais eram explosões espontâneas do canto. Existe mesmo um ponto de vista Trinitariano aqui: os Salmos eram orações a *YHWH*; enquanto os hinos expressavam a verdade de que Jesus era o Filho de Deus, nosso Redentor; e os cânticos espirituais eram um dom do Espírito Criador.

Ultimamente tem-se procurado implantar o modismo de descartar o hinário em favor de palavras projetadas numa tela. Argumenta-se que tal prática ajuda a melhor fluência do serviço, já que ninguém necessita recorrer ao hinário para encontrar um hino. Centraliza a atenção de todos num lugar, unindo, assim, a congregação. Libera as mãos para que os adoradores possam bater palmas ou levantá-las. Mas existe algo negativo. A tela não contém qualquer nota musical, e por isso a música deve ser muito simples, num tom que não requiera certo período de aprendizado. Nesse caso, os adoradores também estariam

impedidos de formar um conjunto harmonioso, cantando apenas a melodia.

Além disso, o uso do hinário é uma lembrança da historicidade de nossa fé, porque Deus é Deus da História. Nós confirmamos a continuidade da Igreja e a perpetuidade dos concertos de Deus, preservamos a memória da Igreja e sua literatura quando cantamos os hinos de Lutero, Isaac Watts, Carlos Wesley, Fanny Crosby, e outros.

Culto carismático ou reavivalista

Considerando a paixão quase universal por mudanças no culto, na estrutura e no estilo da música, parece razoavelmente seguro assumir que elas são mesmo necessárias. Mas, que tipo de mudanças? Sobre quais bases bíblicas, históricas e teológicas elas deveriam ser efetuadas? O problema é que a tendência de alguns evangélicos é copiar técnicas que parecem ser populares em outras igrejas. Uma congregação pode querer celebrar os atos redentivos de Deus, mas num sentido muito mais completo que a compreensão da igreja reavivalista. Contudo, muitas igrejas adotam o entretenimento, o estilo das cruzadas ou das superigrejas que roubam da congregação o direito de expressar seu louvor a Deus.

Uma outra igreja também pode tornar-se convencida de que sua forma tradicional de cultuar esteja desgastada e desprovida de significado para a presente geração; e que uma experiência de “celebração” seria válida. Então passa a adotar o “cântico de louvor” recebido dos carismáticos, mesmo não desejando entrar no chamado “Santo dos Santos”, e embora esse tipo de cântico esteja abaixo dos padrões de louvor mencionados pelo apóstolo Paulo. A pesquisa que faz tal congregação não inclui questões como: “Deveríamos nós ler mais a Bíblia e orar mais no culto?” Pelo contrário, o alvo parece apenas somar alguma simulação emocional, num formato de culto baseado no uso de uma informalidade controlada e surpresas programadas que freqüentemente resultam em “emoção em benefício da emoção”.

Qualquer mudança que se queira fazer no culto deve ser avaliada segundo os padrões do Novo Testamento. O desafio de Jesus no sentido de adorar a Deus “em espírito e em verdade”, reafirma que o culto deve ser sincero. Acima de tudo, deve expressar a submissão do coração humano à vontade de Deus, tal

como revelada em Cristo e na Palavra escrita. Significa também que o culto deve ajustar-se à verdade de Deus, especialmente Seus atos salvíficos através de Jesus Cristo, levando cada congregação ou grupo confessional a compreender tal verdade. Os sermões, as porções selecionadas das Escrituras, os hinos e as orações devem expressar plenamente quem é Deus e o que Ele tem feito, suscitando do adorador uma resposta a essa revelação.

Finalmente, o culto deve fazer tudo isso através de maneiras que falem emocional e intelectualmente ao homem moderno. Genuína expressão emocional, para clarificar e intensificar a verdade, é válida. Mas emoção pela emoção, leva a "louvar o louvor" e "cultuar o culto".

Novos tempos?

Dar-se-ia o caso de que toda a turbulência e conflito que atualmente rondam o estilo de culto, assinalem uma verdadeira primavera espiritual na Igreja? Talvez. Existe alguma evidência de que um vasto movimento está surgindo, a longo prazo. A idéia de "celebração" teve início por volta de 1960, talvez com o *20th Century Folk Mass* (Massa Popular do Vigésimo Século), de Geoffrey Beaumont, na Igreja Anglicana. O pensamento proposto naquele tempo era que o louvor deveria ser mais que algo correto e próprio; deveria ser também pastoral. Por esse mesmo tempo, apareceram os corinhos, uma contribuição do Movimento de Renovação Carismática. Duvido um pouco se muitos indivíduos e grupos em sua tradição foram verdadeiramente renovados, especialmente aqueles de igrejas litúrgicas, onde a memória e a literatura não foram perdidas. Mas não há evidência de que toda a igreja tenha experimentado genuíno reavivamento.

Historicamente, novas formas de culto, e, conseqüentemente, dolorosa perda das antigas, têm sido o resultado dos fortes ventos de reavivamento supostamente originados pelo Espírito de Deus. Em contraste, os não-carismáticos de hoje parecem estar esperando alcançar o reavivamento por tomar emprestados novos métodos e formas, que possivelmente não se coadunam com sua teologia e sua própria compreensão da Escritura.

Mesmo que seja possível desenvolver monumentais igrejas através de fórmulas prescritas, isso não seria suficiente para tentar programar uma obra de verdadeiro rea-

vivimento do Espírito Santo. Renovação espiritual não acontece pela determinação do homem, nem depende de formas por ele inventadas, sejam elas tradicionais ou modernas. Graham Kendrick deixa claro que o verdadeiro culto espiritual é obediência total a Deus, tornando-se o adorador um "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Rom. 12:1).

Na igreja local

É possível que uma igreja local esteja insatisfeita com todas as modernas e populares formas de cultuar, e deseje experimentar a guia do Espírito no sentido de desenvolver serviços que sejam plenamente bíblicos, agradáveis a Deus e edificantes para os seres humanos. Os itens escriturísticos são excelente material de orientação para a adoração. Mesmo compositores carismáticos, como Graham Kendrick e Jack Hayford, já provaram que as mais completas e teológicas expressões musicais das verdades cristãs ainda são bem-vindas em seus serviços de culto. Se nossos líderes musicais dessem mais atenção à educação musical, em lugar da execução de concertos, as congregações novamente se deleitariam entoando os grandes hinos tradicionais de louvor a Deus.

A qualidade do culto na igreja deve estar fundamentada num estudo com base escriturística, teológica e prática histórica da adoração. Uma vez que as convicções estejam desenvolvidas, os líderes deveriam ensinar clara e incansavelmente, para toda a congregação, a experiência interior e exterior da adoração.

Referências:

Condensado de um artigo originalmente publicado em *Cruz* 28, nº 4, dezembro de 1992. Usado com permissão.

1. Kenneth A. Myers, *All God's Children and Blue Suede Shoes*, Crossway Books, 1989.
2. Graham Kendrick, *Learning to Worship*; Minneapolis, Bethany House Publishers, 1894.
3. Ver Paul Wohlgenuth, "Praise Singing", *The Hymn*, janeiro de 1987, págs. 18 a 23.
4. Stanley M. Burgess e Gary B. McGee (editores), *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, pág. 156, *Grand Rapids*; Zondervan Publishing House, 1988.
5. Terry Law, *The Power of Praise and Worship*, págs. 143 a 158; Tulsa, Okla.; Victory House Publishers.
6. Paul W. Hoon, *The Integrity of Worship*, págs. 91 a 94; Nova Iorque, Abingdon Press, 1971.



O exemplo da igreja apostólica

RAFAEL LUIZ MONTEIRO

*Diretor de Escola Sabatina e Ministério Pessoal
da Associação Amazônia Ocidental*

O crescimento da Igreja é registrado cuidadosa e continuamente no livro de Atos. E sempre que se tenta explicá-lo, como um dos métodos para salvar pecadores, recorre-se a Lucas em seu minucioso e interessante documento tão rico de testemunhos dos primitivos cristãos. Seu estilo é reconhecido como de confiança, pois foi de uma performance técnica sem precedentes (Luc. 1:1 a 4).

Ademais, em se tratando de elaborar um conjunto de idéias que pudesse expressar esse raciocínio de crescimento, Lucas usa expressões que não deixam dúvidas sobre seu propósito de passar para a História como o maior cronista do avanço da Igreja primitiva, e lembrar aos seus leitores o cumprimento da promessa do Espírito Santo. Ora o historiador fala da conversão de “alguns” (Atos

17:3 e 34), ora da conversão de “muitos” (9:42; 11:21; 13:43), ou, ainda, a expressão “muita gente” (11:24; 19:26). As palavras “multidão de crentes” (Atos 5:14), “numerosa multidão” (17:4), “grande multidão” (14:1) e “multidões” (8:6) ocorrem algumas vezes.

Lucas se mostra cuidadoso com os números, quando usa a palavra “quase” para falar dos acréscimos: “quase três mil pessoas” (Atos 2:41), ou “quase cinco mil” (4:4). Ao mesmo tempo, não se atemorizava ao mencionar a conversão de “dezenas de milhares” de judeus (Atos 21:20), nem a conversão de “todos os habitantes de Lídia e Sarona” ou a conversão da “população inteira” (Atos 9:35).

De todas essas observações, conclui-se que a preocupação com o crescimento nu-

mérico da Igreja, por razões nobres, como a salvação de pecadores e a expansão do reino de Deus, não é pecaminosa. Essa mesma preocupação é encontrada no maior de todos os missionários, depois de Jesus: "Sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível." (I Cor. 9:19). Não se pode dizer o mesmo, porém, se a motivação pelo crescimento da Igreja é exclusivamente para a promoção humana e denominacional. Muito embora, isso também efetive de algum modo o crescimento (Fil. 1:15 a 18).

Ação do Espírito

Em apenas 30 anos de missão, a Igreja cresceu a ponto de alcançar os mais importantes centros populosos do mundo de então, e neles se estabeleceu. Foi a obra missionária mais bem-sucedida da História, quanto à rapidez, à qualidade, o volume e a extensão geográfica. Numa época em que não havia aparelhos de amplificação de som, nem jornais, nem emisoras de rádio e televisão, nem telefone, telex, fax, nem gráfica, xerox ou computadores.

Numa época em que só havia transporte marítimo, navios vagarosos e inseguros que dependiam do vento, das estrelas e das boas estações. E o transporte terrestre mais moderno era um carro puxado a cavalo. No entanto, apesar da precariedade de todos esses elementos, algo parecia estar bem presente na vida da Igreja primitiva, o que torna nosso envolvimento missionário nesses tempos de modernidade e tecnologia de ponta, uma catástrofe.

Apesar das dificuldades, a Igreja, nos 30 anos seguidos ao Pentecostes, e orientada pelo Espírito, estabeleceu-se na capital do judaísmo, Jerusalém; na capital da magia, Éfeso; na capital do prazer, Corinto; na capital do helenismo, Atenas; e na capital do império, Roma.

Em Éfeso, na Ásia Menor, havia 300 mil habitantes; em Corinto, na Acaia, havia 500 mil; em Atenas, Grécia, havia 250 mil; e em Roma, na Itália, quase um milhão de habitantes. Roma está a 200 quilômetros de Jerusalém, em linha reta. E a população de todo o Império nesta época inaugural e áurea das missões cristãs era de 54 milhões de habitantes.

No século passado, os ingleses se orgulhavam de pertencer a um império no qual o

sol não se punha. Era uma realidade de domínio sem precedentes na história das nações modernas. A Igreja do primeiro século caminhará para um tal crescimento geográfico pelo poder do Espírito Santo.

No entanto, qual a diferença do crescimento experimentado naquele tempo com o de hoje? Havia uma diferença. Alguns consideram o crescimento da Igreja primitiva como um crescimento horizontal e não vertical, tentando explicar que ela estava mais interessada com o número de igrejas e não com o número de membros. O objetivo era construir-se um imenso tapete e não uma imensa torre.

Seria esse o propósito do Espírito Santo ao permitir tal crescimento, ensinando-nos uma lição para a nossa Missão Global? Não seria uma estratégia poderosa para expandir nossa geografia eclesial? As regiões alcançadas seriam costuradas entre si até que o tapete cobrisse toda a face da Terra.

Essa era a vontade de Deus desde o Velho Testamento, no chamado a Abraão e aos profetas. Abraão e seus descendentes foram escolhidos e chamados para serem uma bênção para "todas as famílias da Terra" (Gên 18:18; 22:18; 26:4), "todos os confins da Terra" (Salmo 67:1 a 7), para todos os termos da Terra" (Isaías 45:22). Era preciso levar o recado de que Deus é um só "até ao nascente do sol e até ao poente" (Isaías 45:5 e 6), "até a extremidade da Terra" (Isaías 49:6), "para os que estão longe e para os que estão perto" (Isaías 57:19), de modo que a Terra se encha do conhecimento do Senhor "como as águas cobrem o mar" (Isaías 11:9; Hab. 2:14). Ao enunciar a grande comissão, o Senhor Jesus mesmo deixou bem clara a idéia do tapete, ao ordenar o anúncio do evangelho a "todas as nações" (Mar. 16:15), "tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra" (Atos 1:8).

O mais conhecido e propagado versículo da Bíblia, João 3:16, afirma que "Deus amou ao mundo", e não parte dele. Desde o momento em que o véu do templo se rasgou, Jesus é a propiciação não somente pelos nossos próprios pecados, "mas ainda pelos do mundo inteiro" (I João 2:1 e 2). Não é à toa, pois, que o primeiro grande anúncio das grandezas de Deus tenha sido feito em várias línguas, e ouvido por um público proveniente "de todas as nações debaixo do sol" (Atos 2:5 a 13).

A relação dos povos, feita por Lucas, inclui asiáticos, africanos, europeus, começa no Oriente, termina no Ocidente, e coloca a Judéia mais ou menos no meio. No dia de Pentecostes, o Espírito começou a construir o maior e mais belo tapete do mundo. E cobriria a extensão da Terra com as boas-novas de salvação.

Perseguição e crescimento

Quando a igreja de Jerusalém já estava se transformando numa superigreja, já com cinco mil membros, levantou-se grande perseguição contra ela e “todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria” (Atos 8:1). Se, por um lado, a perseguição desestimula a igreja vertical, das grandes torres; por outro, é responsável pelo tapete missionário da igreja horizontal. A perseguição foi o instrumento adequado para impedir que a Igreja ficasse só em Jerusalém, mas se espalhasse por toda a “Judéia e Samaria, até os confins da Terra” conforme os planos do Espírito Santo.

Não foi essa a única vez em que, pela intervenção divina, Sua vontade foi executada de maneira soberana. No passado, após o Dilúvio, Ele usou a confusão lingüística (Gên. 11:1 a 9). Em ambos os casos há um lugar comum: os homens desejariam ficar num mesmo lugar, criando uma megacidade, e noutro, uma megaigreja. Deus queria, no entanto, que enchessem a Terra com Sua mensagem. Tanto em Babel, como em Jerusalém, a torre não se completou.

Com a perseguição à Igreja, uma multidão de crentes foi espalhada pela Judéia e Samaria, cumprindo o dito do Senhor, chegando até a Fenícia, Chipre e Antioquia. E os que estavam dispersos “iam por toda a parte pregando a Palavra” (Atos 8:4; 11:19 e 20). Foi uma dispersão e não uma debandada. Na dispersão, por mais dolorosa que tenha sido, cumpriram-se os propósitos de Deus. Numa debandada, entretanto evidenciava-se o resultado da incoerência humana na execução dos projetos divinos, como foi o caso de Teudas e seus 400 discípulos, e de Judas, não o Iscariotes (Atos 5:36 e 37). A bem da verdade, os dispersos anunciavam a Palavra apenas aos judeus, deixando de lado os gentios. Alguns mais ousados, contudo, falavam aos gregos, pelo que a “mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (Atos 11:19 e 21).

A Igreja em Atos cresceu em ambiente de forte perseguição, manifestada de várias formas e em muitas ocasiões. Em forma de “ameaças” (Atos 4:17 e 29; 9:1), “açóites” (Atos 5:40; 16:22), “espancamentos” (Atos 21:32), “prisões” (Atos 4:1; 5:18), “apedrejamento” (Atos 7:58), e “mortes” (Atos 7:54 a 60). Muitos tiveram que testemunhar sob tortura. Saulo usou esse instrumento diabólico de persuasão, pois isso era comum nos dias dos apóstolos (Atos 26:11). A perseguição era de todos os lados. Ora partia dos judeus (Atos 4:1; 5:17; 13:45), ora vinha da autoridade civil (Atos 12:1 e 2). Herodes, por exemplo, mandou “prender alguns da igreja para maltratar” (Atos 12:1).

Não poucas vezes a perseguição era movida por pessoas que se viam economicamente prejudicadas pelo anúncio e progresso do evangelho. É o caso daqueles homens que se viram sem o lucro de sua empresa, ao ser curada uma jovem possessa de espírito adivinhador que lhes dava muito rendimento (Atos 16:16 a 26). É também o caso do sindicato dos ourives de Éfeso, que temia uma queda na venda dos nichos da deusa Diana dos efésios, só porque Paulo pregava o óbvio: “Não são deuses os que são feitos por mãos humanas” (Atos 19:23 a 40).

A igreja de Atos passou pelo teste do sofrimento. Não esteve isenta dos percalços. Sofreu muito com escândalos como o de Ananias e Safira. Como resultado de um crescimento fora do controle humano, demasiado serviço e acúmulo de afazeres, generalizou-se um problema de discriminação entre judeus e os “quase” judeus. A discriminação incomodou a tal ponto, trazendo humilhação, sofrimento, injustiça, tristeza, ressentimento, queixa e murmuração (Atos 6:1 a 6). Se o assunto não fosse tratado com sabedoria e rapidez, quem sabe, a crise seria levada às conseqüências até de um cisma prematuro.

Houve falsas conversões, como batismos indevidos e apressados. Simão, o mago, não era digno do batismo cristão, mas Filipe não conseguiu enxergar a iniquidade escondida no interior daquele homem espalhafatoso e o batizou (Atos 8:9 a 24). Houve fracasso missionário. João Marcos não estava preparado para enfrentar o batente com as privações da vida missionária, e retornou ao seu país de origem, causando não pequeno descontentamento entre os líderes. Alguns eram como os fariseus que corriam o mun-

do inteiro para fazer um prosélito e torná-lo pior do que o infiel.

Houve também atividade contra-missionária, quando indivíduos trilharam o mesmo itinerário dos verdadeiros missionários, para acrescentar usos e costumes já peremptos do judaísmo tradicional aos novos crentes (Atos 15:1 e 24). Houve desavença entre missionários cheios do Espírito, de tal natureza que tiveram de separar-se (13:36 a 41).

Noutra ocasião, um acidente em Trôade, muito grave, que a mídia sensacionalista de hoje exploraria bastante, Paulo prolongou a pregação até tarde da noite, e um dos ouvintes sentado no parapeito da janela, dormiu profusamente, caiu e morreu. Sendo menor, a situação ficaria delicada ainda mais para a Igreja. O que aconteceu em seguida, denota a profunda realidade em que vivia a Igreja apostólica, de um carismatismo fora de qualquer suspeita. Ainda a acrescentar a presença de lobos vorazes que dizimavam o rebanho, introduzindo doutrinas falsas, e outros que, de fora, tentavam destruir a obra de Deus por motivos inconfessáveis (Atos 20:29 e 30). A Igreja crescia e todo o seu mobilismo tenderia a acrescentar ainda mais os que deveriam ser salvos (Atos 2:47).

Quantidade e qualidade

O crescimento da Igreja, no livro de Atos, é entendido em duas frentes: qualitativa e quantitativa. Havia uma preocupação maior com o espiritual, acima do numérico. Isso não significa que medir o crescimento da Igreja em número seja algo abjetável, mas que tem o seu devido lugar. O corpo humano, para usar uma metáfora comum, cresce na mesma rapidez em que suas células se multiplicam. A estratégia apostólica dirigida pelo Espírito Santo, era semelhante a esse fenômeno. A ênfase no crescimento espiritual, interior, tornara o crescimento exterior mais seguro e fortalecido em sua duração experiência. Era uma estratégia que poderia ser usada hoje com muito resultado no crescimento. Os novos membros precisavam de arrependimento (Atos 2:38), conversão (3:19) e fé em Jesus (2:44). Só então eram batizados. E, uma vez batizados, eram revisitados (14:21 e 22) e exortados a permanecerem firmes na fé.

Eram organizados em igrejas locais e colocados sob os cuidados de presbíteros e diáconos, eleitos pela própria comunidade

(Atos 14:23). Por meio de cartas pastorais, os novos crentes eram admoestados, animados e corrigidos, encorajados e disciplinados, e doutrinados na fé que abraçaram.

Além das cartas conhecidas de Paulo, João, Pedro, Tiago, e das sete cartas às igrejas da Ásia Menor, outras não canônicas circulavam entre as igrejas (Col. 4:16). Essas cartas apelavam dramaticamente em favor de uma nova vida cheia do Espírito e de frutos. Elas tratam de todos os desvios de comportamento, e de fé na esperança de conduzir toda a Igreja à plenitude de Deus. Falam de sexo, inveja, ira, briga, juízo temerário, murmuração, amor ao dinheiro, ação social, humildade, deveres pátrios, família e tudo o mais. A soma de todas essas providências tinha o único objetivo de elevar o nível espiritual da Igreja.

Ministério da graça

Não haveria nada para contar no primeiro volume da História da Igreja se antes não tivesse havido um colossal derramamento da graça de Deus. Não haveria nenhuma boa-nova para anunciar e nenhuma alteração na rotina da História se a graça não fosse matéria de fato. A graça antecede à descida do Espírito Santo. Ela foi introduzida entre nós, no cenário humano, quando o “Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Todos estavam convencidos de que “a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (João 1:17). É a mais importante idéia do Novo Testamento em relação à salvação da humanidade. “Onde abundou o pecado superabundou a graça” (Rom.5:20), não em virtude de algum mérito humano, mas pelo maravilhoso amor de Deus revelado na pessoa de Jesus Cristo.

No primeiro concílio da história da Igreja, Pedro deixou bem claro o fundamento da graça. “Nós cremos e somos salvos pela graça do Senhor Jesus, do mesmo modo que eles, os gentios” (Atos 15:11). Paulo se refere aos eventos do livro de Atos quando lembra a Tito que “a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens” (Tito 2:11) e que pela fé temos acesso a essa graça (Efés. 2:8).

A graça de Deus foi derramada a todos os homens e mulheres, a fim de reuni-los sob o estandarte da verdade e proclamar com estrepitoso estrondo o amor de Deus

que redime. Jesus havia transmitido aos Seus ouvintes as insondáveis dimensões da graça salvadora, ao demonstrar a atitude daquele pai apaixonado pelo filho que retorna e é recebido com abraços, beijos, roupa nova, anel no dedo, sandálias nos pés, bezerro cevado, música, dança e muita alegria; não obstante todas as loucuras anteriormente cometidas. O crescimento da Igreja se faz através da volta dos filhos pródigos, e somente é possível por causa do sucesso derramado abundantemente por Deus, por meio de Jesus Cristo.

Aprendizes

Não há como duvidar da pertinácia da vontade de Jesus em ver Sua Igreja crescer. Ele demonstrou isso de tal forma, que Sua estratégia com os apóstolos foi prepará-los a fim de se encontrar de frente com o crescimento a partir do Pentecostes. A razão é porque Sua estratégia, embora de poucos anos e com pessoas não tão bem preparadas, deveria suportar o convívio diário da labuta missionária. Eram homens que nunca haviam pensado em ministério religioso. Não conheciam nem a mente de Deus nem a psicologia humana. Nada de Teologia, pior ainda de Missiologia. Seus defeitos pessoais eram tantos que qualquer, como mestre, teria desanimado no primeiro momento.

O Mestre dos mestres, entretanto, mostrou-Se digno do título e Se tornou um treinador de sucesso destes homens que abalaram o mundo e transtornaram as ideologias do seu tempo. O segredo do sucesso de Jesus como treinador de pescadores de homens veio através das seguintes providências:

1. Convivência. Jesus os designou para estarem com Ele. (Mar. 3:14). Eles estavam sempre com o Senhor, nas viagens, nas curas e nos milagres, nos discursos, nas conversas, nos atritos, na canseira, na hospedagem, nas refeições e nas orações. O contato foi tanto que mais tarde o próprio Sinédrio reconheceu que Pedro e João “havam estado com Jesus”. (Atos 4:13).

2. Estágio. Os Evangelhos dizem que “chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois” (Mat. 6:7), a “pregar o reino de Deus e a curar os enfermos” (Luc. 9:2). Essas coisas só se aprende fazendo.

3. Correção. Qualquer erro de interpretação, de conduta ou de reação cometido pelos discípulos, era imediatamente corrigido pelo

Mestre. “Por que sois assim tão tímidos? Como é que não tendes fé?” (Mar. 4:40).

4. Assimilação. Jesus deu aos apóstolos a capacidade de pouco a pouco se apropriarem de Sua divindade, autoridade, idéias e sentimentos. Graças a esse processo de aprendizagem, Pedro e João, diante do Sinédrio, declararam: “Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4:30). Em suas epístolas, ambos insistem no fato de que o ensino deles está baseado naquilo de que eles foram testemunhas vivas, daquilo que viram, ouviram e apalparam com suas mãos.

Devido aos fatos relatados até aqui, todo crente que tem o privilégio de sentar-se nos bancos de uma igreja, como seu membro regular, tem a responsabilidade de se tornar um discípulo de Jesus, submetendo-se aos Seus ensinamentos, tais como se encontram na Bíblia. Aprender do maior de todos os mestres é escrever novamente o livro de Atos, na vida da Igreja desses tempos modernos. Estamos aqui, na verdade, para transtornar o mundo com a loucura da pregação (Atos 17:6). O sucesso dos apóstolos está no fato de terem anunciado o evangelho em todos os lugares. Eles alcançaram o mundo todo, de acordo com o programa traçado por Jesus. Trabalharam intensamente, “todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e anunciar Jesus o Cristo” (Atos 5:42). Eles foram bem-sucedidos com a elite poderosa de seu tempo: o comandante do regimento italiano (Atos 10:1 a 18), o governador de Chipre (13:4 a 12), senhoras da alta sociedade de Tessalônica (17:1 a 13), a proprietária de uma boutique em Filipos (16:11 a 15), filósofos epicureus e estóicos de Atenas (17:16 a 34), o chefe da sinagoga de Corinto (18:5 a 11), os governadores Félix e Festo, e o rei Agripa (25:1 a 12, 33; 26:2), o governador de Malta (28:1 a 10), e o Sinédrio judaico (4:5 a 22); 5:17 a 42; 6:12 a 60; 22:30 a 23:10).

Os apóstolos romperam todas as barreiras geográficas, étnicas e sociais. Pregaram o evangelho tanto “em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria”. Persuadiram a judeus e gregos. Testemunharam de Cristo a grandes e pequenos. Por isso o crescimento da Igreja se tornou a salvação para o mundo. A estratégia na mente de Deus e nas mãos dos apóstolos, que se tornou o sucesso de crescimento para o mundo inteiro, cumprindo-se o “Ide” divino.

Os novos amigos de Jó

MOISÉS MATTOS

*Diretor de Escola Sabatina e Ministério Pessoal
da Associação Sul-Rio-Grandense*

Oanúncio não deixava dúvidas: “Pronto Socorro de Jesus. Problemas familiares, financeiros, dor de cabeça, coluna, aids, impotência sexual, vícios ou desemprego – Jesus é a solução. Venha para esta igreja.”

Propagandas desse tipo já não são mais novidade. Anúncios prometendo vida fácil, cura para todas as enfermidades e solução para todas as angústias da existência, proliferam em quase todas as cidades e vilas. São convites dos grupos pentecostais e neo-pentecostais chamando o povo para experimentar “bênçãos” a curto prazo, ou viver uma fé de resultados imediatos.

Em vista do estado de miséria e dificuldades pelas quais grande parte de nossos compatriotas está passando, não admira que esses agrupamentos estejam crescendo assustadoramente. É um avanço tão acelerado que tem suscitado reação por parte da Igreja Católica, da mídia, e causado certa apreensão entre as igrejas protestantes tradicionais.

Segundo um estudioso, estes grupos têm como marcas distintivas “características empresariais de prestação de serviços e bens; distanciamento da Bíblia, sem rigor hermenêutico ou exegético; inexistência de uma comunidade; ajuntamento de pessoas interessadas na obtenção imediata de favores; e intenso ambiente de magia”.¹

Somado a isso, eles conseguiram formar um “sincretismo entre fé evangélica e as crenças populares brasileiras”,² como sal grosso e arruda para jogar fora os espíritos malignos, novenas, e uma grande quantidade de costumes usados pelas mais diferentes religiões que permeiam o inconsciente das massas.

Prosperidade

Porém, o item principal é o que tem sido chamado de “teologia da prosperidade”, ou seja, a ênfase no argumento de que tudo pode ser conseguido. Cura de qualquer enfermidade, progresso financeiro e solução de

problemas sentimentais, são benefícios indiscutivelmente acessíveis a todos os cristãos. Um adepto dessa linha de pensamento resumiu muito bem a idéia prevalecente: “A única coisa no mundo que pode evitar que um filho de Deus receba prosperidade, somos nós mesmos.”³ Ou seja, há um deslocamento das coisas; uma inversão de autoridade. A grande questão não é a submissão do homem à vontade de Deus, mas a submissão de Deus à vontade do homem.

Nesse caso, a cura não depende da vontade de Deus, mas é um direito adquirido pelo crente. “O dom de curar é concedido ao pastor a fim de que ele possa exercer o ministério de cura ... O ministério em pauta independe da fé alheia, ... a pessoa não precisa necessariamente ter fé, pois no caso, o dom é como uma corrente elétrica, que passa pelo cristão e efetua o milagre no doente, independentemente de sua situação.”⁴

De acordo com esse ponto de vista, se alguém aceita a Cristo, e vai ao encontro de algum pastor que possua o dom de curar, não pode permanecer doente. A dificuldade aqui é explicar como Timóteo e Paulo, por exemplo, experimentaram enfermidades e não há registro de que foram curados. Porventura não conheciam o direito que, como servos de Deus, tinham em relação à saúde? Não havia, por acaso, ninguém por perto que pudesse orar e impor as mãos sobre eles?

Os propagandistas da teologia da prosperidade atribuem todos os reveses, acontecidos na vida de uma pessoa, aos demônios. Desde a mais leve dor de cabeça até o câncer destruidor, existe algo de possessão demoníaca.⁵

Certa jovem tentara o suicídio várias vezes, por acreditar ser possuída pelo diabo. Uma longa conversa com ela foi suficiente para entender que não se tratava de uma pessoa endemoninhada, mas que lutava contra alguns problemas de ordem psicológica. Seu desespero começou quando, ao vi-



como uma advertência àquele homem que demonstrou necessitar ver, antes, um milagre de Cristo para crer nEle. Com isso, Jesus pareceu dizer-lhe: “O mais importante não é ver para crer, e sim crer para ver.” (João 11:40).

Amparar a fé apenas na visão, não leva ninguém à salvação. Primeiro, é preciso crer para então ver as maravilhas que Deus pode efetuar. No caso em apreço, o grande milagre somente ocorreu quando o oficial romano “creu na palavra de Jesus”. Seu filho foi curado mesmo estando a 30 quilômetros de Caná, onde Jesus Se encontrava.

2. Falso conceito de milagres. Os milagres de cura e prosperidade

sitar uma dessas igrejas, ouviu do pastor que suas dificuldades eram decorrentes da possessão demoníaca. Daí em diante, sua vida transformou-se num inferno. Mais: segundo a explicação do referido pastor, o inimigo somente a deixaria se fosse batizada em sua igreja.

O ensino bíblico

Neste ponto das nossas considerações, é imperioso que recorramos ao testemunho da Palavra de Deus, em lugar de continuar nos aprofundando nas heresias baratas que permeiam o mundo religioso. Especialmente porque, em matéria de fé e religião, não existe mesmo fonte mais abalizada e segura. Do ensinamento bíblico sobre o assunto em pauta, podemos enumerar algumas conclusões, conforme seguem:

1. A fé não deve depender de milagres. Fundamentar a fé e a maturidade espiritual na realização de milagres não é uma atitude segura, do ponto de vista bíblico. Ao oficial romano que desejava a cura para seu filho, Jesus disse: “Se porventura não virdes sinais e milagres, de modo algum creis.” (João 4:48) Essa afirmação souo

anunciados hoje, funcionam como um esquema de *marketing* religioso para atrair pessoas às igrejas. E os jornais anunciam o enriquecimento dos “missionários” que formam verdadeiros impérios às custas da gratidão daqueles que se sentem beneficiados.

Mas seria esse o objetivo dos milagres, conforme a Bíblia e o ensinamento do próprio Cristo? A resposta a essa indagação aparece mais clara quando compreendemos o significado das palavras gregas *semeion* = sinais; e *tératas* = prodígios.

Ambas aparecem nos Evangelhos, no livro de Atos e nas Epístolas, indicando que seriam operados sinais e prodígios, tanto por Jesus como pelos apóstolos; e, também, por “falsos cristos” (Mat. 24:24; Mar. 13:22; Atos 2:43; Rom. 15:19; I Tess. 2:9; Apoc. 16:14).

Nesse contexto temos ainda a palavra *du-namis*, que é traduzida como poder, usada especialmente no Evangelho de Marcos para indicar o poder de Jesus sobre as doenças e o mal (Mar. 5:30; 6:2; 9:1).

Todavia, é no Evangelho de João que as obras de Jesus são mencionadas e identificadas por uma palavra usada repetidamente, ou seja, *semeion* (sinal).

Esse termo indica uma realidade maior. No caso, a divindade de Cristo. João seleciona sete milagres ou sinais operados por Jesus. Na primeira parte do livro, essa escolha tem a função expressa de apontar para Cristo e Sua identidade. "Os milagres em João sugerem uma resposta sobre quem é Jesus ... A grande preocupação do Evangelho é a pessoa de Cristo (20:31). Ele (o quarto Evangelho) aponta para a divindade de Jesus."⁶

Nesse Evangelho, Jesus demonstra Sua superioridade e divindade, fazendo sinais que transcendem ao espaço, tempo, leis naturais, físicas, e até a morte. Um exame de todos os Evangelhos permite concluir que os milagres obedecem aos seguintes propósitos: a) Ilustrar e ensinar verdades espirituais (João 6:11, 12 e 27; 9:5; 11:23 a 26; Mar. 2:9 a 11); b) provar a messianidade e autoridade de Cristo (Mat. 11:20, 23; João 5:36; 10:24 e 25); c) inspirar fé no Filho de Deus (João 11:27 a 45; 15:24).

Em nenhum momento o Mestre lançou mão do exibicionismo, ou usou milagres para contentar uma multidão incrédula. A preocupação primeira era levar as pessoas a crer que Ele era o Enviado de Deus para a salvação. E, a ênfase não era nos milagres em si, mas no que eles produziram para o reino de Deus.

3. Vontade divina ou vontade humana. Se o recebimento de cura ou qualquer outra bênção, representa "um direito do crente", a vontade divina é

colocada em segundo plano. A Bíblia, no entanto, ensina que tudo deve ser feito de acordo com a vontade de Deus (Mat. 6:10; 26:42; Rom. 12:2). Além disso, há exemplos de homens justos que não receberam a bênção da cura de alguma enfermidade (I Tess. 5:23; II Cor. 12:7 a 10; II Tim. 4:20).

4. Deturpação da Escatologia. A teologia da prosperidade, ao prometer solução para todos os problemas, hoje, está deturpando o conceito de que, embora sejamos ajudados por Deus em nossa vida presente, e tenhamos a certeza de que Ele nos dirige em todos os caminhos, somente com a Volta de Jesus é que todos os problemas serão solu-

cionados, o mal erradicado e a morte será vencida.

5. Legalismo. Se um cristão pode ter tudo o que deseja, saúde e prosperidade, então todos devem esforçar-se nessa direção. Transparece aqui um princípio de barganha com Deus: faço para ter. Esse é um conceito legalista. A motivação maior para alguém ser um fiel cristão é o amor a Jesus.

Conclusão

Possivelmente, nenhuma história bíblica ilustra tão bem as atitudes dos pregadores da teologia da prosperidade, do que a dos amigos de Jó. Para eles, os problemas ocorrem apenas por desobediência. Kenneth Hagin, um teólogo da prosperidade, assim se expressou: "Nós cristãos não precisamos sofrer reveses financeiros; não precisamos ser cativos da pobreza ou enfermidade. Deus proverá a cura e a prosperidade para Seus filhos se eles obedecerem os Seus mandamentos."⁷

Era exatamente isso o que pregavam os amigos de Jó (Jó 5:1 a 26; 8:1 a 22). Ou seja, as pessoas desobedientes e más sofrem

por seus pecados. Por essa razão, segundo eles, o patriarca sofria. Mas será esse um conceito válido em todas as ocasiões e circunstâncias? Evidentemente, o sofrimento é resultado do pecado, de um modo geral; mas nossa crença não deve nascer da culpa, e

sim do perdão providenciado por Deus, em Seu infinito amor.

Referências:

1. José Miguel Mendoza Aguilera, *Vox Scripturae*, setembro/94, pág. 215; Vida Nova, São Paulo, SP.
2. *ISTOÉ*, 25/01/95.
3. Jack Hartman, *Confie suas finanças a Deus*, pág. 109, Editora Amém.
4. Edir Macedo, *Nos Passos de Jesus*, pág. 185, Universal Produções.
5. Alan Pieratt, *O Evangelho da Prosperidade: Análise e Resposta*, Vida Nova, 1993.
6. Amin Rodor, *Cristo e os Evangelhos*, anotações feitas em sala de aula, Salt-laene, 1989.
7. Kenneth Hagin, *Novos Limiares da Fé*, pág. 66, Graça Editorial.

PASTOR

Como tornar relevante a Palavra

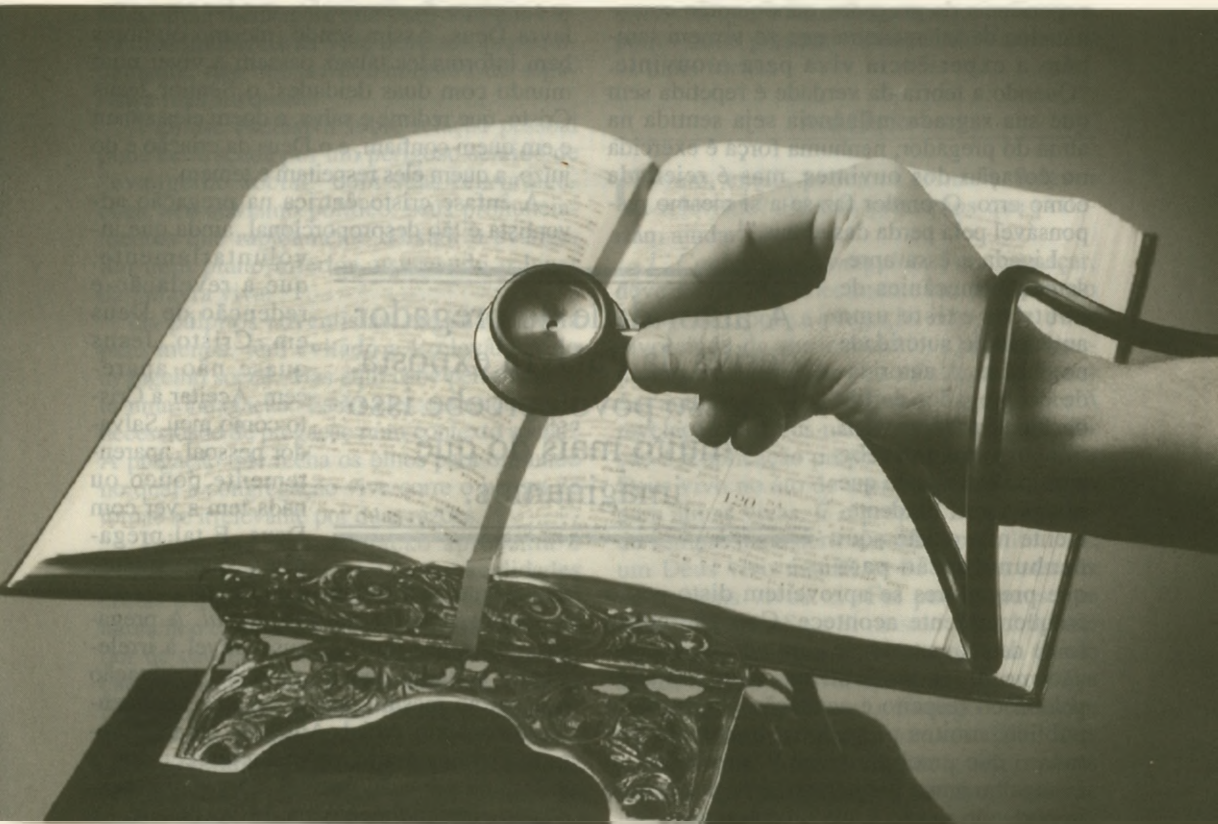
REX D. EDWARDS

Diretor do programa de Educação Contínua da Associação Ministerial da Associação Geral.

Falar da Palavra de Deus como sendo relevante, é uma afirmação tão óbvia como dizer que Deus é útil para a humanidade. E afirmar que os pregadores podem tornar relevante a Palavra, como se eles pudessem ajudar a Deus no sentido de tornar-Se conhecido, soa quase como um pedaço de

blasfêmia. No entanto, o principal problema da pregação hoje é a relevância. Se os pregadores não podem tornar a Palavra relevante, pelo menos poderiam evitar o pecado de fazê-la irrelevante.

Reinhold Niebuhr disse certa vez que o problema não é tanto se o cristianismo é dig-



no de crédito ou não, mas se ele é relevante. Pregação em termos de irrelevância é tão ruim como nenhuma pregação.

Onde está o problema

Preocupa-me a questão da relevância em três áreas relacionadas com o púlpito adventista. Vamos analisá-las a seguir:

Apresentação mecânica. A pregação adventista tem sido acusada de insistir numa insípida e mecânica apresentação de doutrina. O sermão é tirado quase que exclusivamente da Bíblia, mas com raríssimas ilustrações que ajudem os ouvintes a descobrir os ricos mistérios do respectivo texto escriturístico. O pregador, por sua vez, exagera no volume da voz, como se as cordas vocais pudessem tornar inteligível aquilo que aparentemente a mente é incapaz de fazê-lo. Esse tipo de apresentação mecânica pressupõe, por exemplo, que o mero uso da frase “justificação pela fé” é suficiente para que os ouvintes captem seu significado.

Sermões doutrinários são necessários. Mas eles deveriam primeiramente brotar da experiência do pregador, sendo então comunicados de tal maneira que se tornem também a experiência viva para o ouvinte. “Quando a teoria da verdade é repetida sem que sua sagrada influência seja sentida na alma do pregador, nenhuma força é exercida no coração dos ouvintes, mas é rejeitada como erro. O orador faz-se a si mesmo responsável pela perda das almas.”¹

Ligada a essa apresentação mecânica de doutrina existe uma ausência de autoridade no púlpito. A autoridade do pregador deriva da Palavra exposta. E nosso povo percebe isso muito mais do que imaginamos. Evidentemente não existe aqui nenhuma razão para

que pregadores se aproveitem disto como freqüentemente acontece. Confundindo a fonte de sua autoridade com uma apresentação mecânica de doutrina, e encorajados pelo dócil respeito e aceitação por parte do público, muitos pregadores imaginam que tudo o que precisam fazer é “proclamar” o evangelho numa linguagem teológica, pouco importando se isto é inteligível ou não.

Pregação cristocêntrica ou teocêntrica. Uma segunda área na qual o púlpito adventista se abre para a entrada de irrelevância é a ênfase numa pregação cristocêntrica em detrimento da mensagem teocêntrica. Enfatizar a pessoa de Cristo sempre é apropriado e necessário. Mas às vezes o realce parece ser tão grande que resulta numa subestimação de Deus, tornando irrelevante o evangelho. Afinal, o evangelho expõe as boas novas sobre o que Deus tem feito através de Cristo.

Em seu zelo para enaltecer a atividade redentora de Deus em Cristo, o púlpito adventista tem-se movido inconscientemente em direção à ênfase cristocêntrica. Em consequência disso, o pregador apela constantemente para que as pessoas no auditório confiem em Cristo, creiam em Cristo, aceitem a Cristo. Implícito no apelo, do ponto de vista do pregador, está o pensamento do Deus a quem nós conhecemos, aceitamos e confiamos através de Cristo. Mas tal implicação não é claramente estabelecida, de modo a capacitar o ouvinte no sentido de fazer a ligação entre o que o pregador diz a respeito de Cristo e o grupo de associações que faz com a palavra Deus. Assim sendo, mesmo ouvintes bem informados talvez passem a viver num mundo com duas deidades: o Senhor Jesus Cristo, que redime e salva, a quem eles amam e em quem confiam, e o Deus da criação e do juízo, a quem eles respeitam e temem.

A ênfase cristocêntrica na pregação adventista é tão desproporcional, ainda que involuntariamente,

que a revelação e redenção de Deus em Cristo Jesus quase não aparecem. Aceitar a Cristo como meu Salvador pessoal, aparentemente pouco ou nada tem a ver com Deus. E tal pregação é simplesmente

irrelevante para a Palavra de Deus.

Negligência do contexto social. A pregação adventista torna-se susceptível à irrelevância também quando enfatiza a salvação pessoal ao mesmo tempo em que negligencia o contexto social. Antes de ser interpretado erroneamente, devo esclarecer que a ênfase na salvação pessoal – levar uma pessoa ao arrependimento e à justiça pela fé – é

A autoridade do pregador
deriva da Palavra exposta.
E nosso povo percebe isso
muito mais do que
imaginamos.

o objetivo primeiro da pregação. Mas esta deve reconhecer também que nenhum indivíduo está isolado do relacionamento com outros. Ademais, cada pessoa é uma parte do todo, quer na igreja ou na comunidade. Esse reconhecimento é o que justamente falta, às vezes, no púlpito adventista.

Não é difícil traçar as razões para tal ênfase exclusiva na salvação pessoal. Primeiramente, existe uma eterna e inalterável mensagem para ser pregada. O evangelho de hoje é o mesmo evangelho do início do século. Depois, há certas circunstâncias imutáveis nas quais as pessoas se encontram: morte e aflição, sofrimento e tristeza, pecado e culpa. Além disso, o relacionamento de uma pessoa com um vizinho ou qualquer outro membro da família não é marcadamente diferente hoje, do que era cem anos atrás. Uma mensagem que trata com tais elementos imutáveis da vida deve ser, presumidamente, não apenas transmissora de segurança mas adequada.

A ênfase exclusiva sobre relação pessoal pode ser traçada por um perigoso sentido de "evangelho social" com suas reivindicações, seu ativismo político, seus pronunciamentos que rapidamente deixam o evangelho num plano inferior, usurpando o lugar da Palavra viva.

Os púlpitos adventistas, em sua maioria pelo menos, têm evitado a irrelevância do evangelho social. Mas aqui cabe perfeitamente uma indagação: Estão eles conscientes da necessidade de pregação num contexto social? A pregação que fecha os olhos para o mundo no qual a congregação vive corre o perigo de tornar-se irrelevante por duas razões.

Primeira, essa pregação apresenta o evangelho como um escape das realidades cruéis e difíceis da vida. Pregação escapista anuncia o evangelho como um paliativo para dor de cabeça, insônia e neuroses. A pregação necessita tratar realisticamente com as pessoas em seu contexto social, relacionando salvação pessoal ao presente e ao futuro.

A segunda razão é que a pregação que silencia diante das inquietações sociais de nosso tempo configura no púlpito a trágica

compartimentalização da vida moderna, ou seja: vida familiar colocada num plano inferior, negócios num plano superior. Problemas internacionais tratados na superfície, vida religiosa mais ao lado, podendo ser acionada por algum botão – no sábado pela manhã.

Para ser relevante, a pregação necessita alcançar todas as pessoas na totalidade de

seus relacionamentos. Os pregadores necessitam encarar seriamente o problema da irrelevância. Cada um dos seus aspectos gira sobre a ênfase distorcida de um perfeitamente válido e indispensável aspecto da pregação. Na verdade, estes são os aspectos

mais fortemente enfatizados na pregação adventista: doutrinário, cristocêntrico e evangélico. Mas a distorção de uma ênfase válida e indispensável não surpreende, uma vez que o inimigo ataca justamente o ponto onde presumivelmente nos achamos os mais fortes.

A solução

Como, então, podemos tornar a Palavra relevante? Há três princípios que poderiam ajudar.

1. *Conhecer o evangelho.* Para começar, deve haver reconhecimento na natureza do evangelho, pois a pregação não pode estar divorciada de seu conteúdo. Quando dizemos que o evangelho (ou a Palavra de Deus) é a autodescoberta de Deus, referimo-nos à revelação de Deus na História. "Mas revelação é a aplicação própria do Deus vivo. É o Deus vivo no ato de repartir-Se a Si mesmo para almas vivas. É o próprio Deus chegando sempre mais perto e saindo por último. E um Deus vivo manifesta-Se apenas através de homens vivos. ... Foi por homens que Deus entregou-Se a Si mesmo. Na plenitude do tempo, Ele veio no Homem-Deus Cristo Jesus, a Palavra viva; em quem Deus estava presente, reconciliando consigo o mundo, não meramente agindo através dEle, mas presente nEle, reconciliando e não apenas falando de reconciliação, ou simplesmente oferecendo-a."²

O conteúdo do evangelho é um evento: “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (João 1:14). Cristo viveu, sofreu, morreu e ressuscitou – um ato de Deus. “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo” (II Cor. 5:19). O reconhecimento da atividade de Deus em Cristo, salvará a pregação da irrelevância do cristocentrismo que negligencia a Deus.

Uma freqüente crítica a alguns sermões é que o nome “Cristo” quase não é mencionado. Sem endossar totalmente o princípio de que a palavra deve ser mencionada antes de um sermão poder ser evangélico, gostaria de perguntar se um sermão pode ser evangélico, se Cristo é mencionado, embora não aconteça o mesmo com Deus? O evangelho traz boas novas não apenas a respeito de Cristo, mas também de Deus. A necessidade de tal distinção é que a palavra Deus carrega muitas associações tais como poder, louvor, natureza, morte; e o nome Cristo traz outras associações: cruz, pastorado, amor, milagre. Muito freqüentemente os dois grupos de associações são quase estranhos entre si, salientando a necessidade de pregação que explicitamente testemunhe um evento que é um ato de Deus.

Mas um ato divino, mesmo que tenha acontecido uma vez por todas, é também prolongado em testemunho de si mesmo. Nossa pregação está enraizada no testemunho do evento tal como preservado na Escritura. É a pregação do próprio evento. Paulo fez isso, e nós temos o relato em suas epístolas. A Igreja primitiva também o fez, e nós temos o relato no livro dos Atos. Assim o Novo Testamento é mais que simplesmente uma narração ou mesmo um testemunho primário do que aconteceu uma vez. Nós não incentivamos as pessoas para que leiam o Novo Testamento, apenas para que elas encontrem ali um relatório do que aconteceu uma vez a alguns indivíduos, dois mil anos atrás. Nós o fazemos porque ali, no testemunho do evento, o próprio evento é prolongado. Ali é encontrada a Palavra viva de Deus, não num sentido vulgar ou mecânico, mas numa verdadeira exposição que Deus faz de Si mesmo.

Para que a pregação seja relevante, hoje, ela precisa ser bíblica. Deve testemunhar so-

bre o evento do qual a Bíblia dá testemunho – um testemunho que é sempre enraizado e testado pela aprovação bíblica. Os atos divinos devem ser prolongados na pregação de hoje. Assim, a pregação é mais que algo que se diz. Ela é algo que se faz; algo realizado. É Deus revelando-Se de novo para nós, com Seus requerimentos e promessas.

2. *Experimentar o evangelho.* Um segundo princípio com o qual se defronta o problema da irrelevância na pregação, está relacionado com a pessoa do pregador. Os pregadores devem ser homens e mulheres de Deus. Devem ter experimentado a ação de Deus, e, semelhante aos discípulos no passado, deveriam ser capazes de dizer: “isto aconteceu conosco. Eles falam sobre algo mais além da experiência individual; falam no contexto de testemunhas da comunidade da Igreja. Sua autoridade, portanto, reside nos seguintes fatos: o prolongamento das realizações divinas em sua própria experiên-

cia, e a comissão que lhes é atribuída, pela Igreja, para testemunhar de tais realizações. Deixemos que esses pontos desequilibrem, e teremos, por um lado, um individualismo distorcido; e, por outro, um autoritarismo irrele-

vante. E esse é o grande perigo que a pregação adventista enfrenta nos dias atuais.

Somente quando o conteúdo da fé passa através da mente e da experiência do pregador, ele pode testemunhar; não apenas teoricamente, mas como algo que ele tem experimentado. “O evangelho de Cristo torna-se a personalidade daqueles que crêem, e os torna cartas vivas.”³ Aqui está a diferença entre pregação com um *ar* de autoridade, a qual é irrelevante; e pregação com *nota* de autoridade, que é realmente uma testemunha do evento.

Portanto, a conversação e os modos do pregador devem refletir a experiência pessoal do poder salvador do evangelho. Richard Baxter apela: “Cuidem para que vocês mesmos não estejam vazios da graça salvadora que oferecem a outros, ou sejam estranhos aos efeitos do evangelho que vocês pregam. Estejam alertas quanto ao perigo de que, enquanto proclamam a necessidade de um Salvador para o mundo, negligenciem no coração Seus benefícios salvíficos.”⁴

A conversação e os modos do pregador devem refletir a experiência pessoal do poder salvador do evangelho.

A evidência mais convincente de nossa autoridade, como pregadores, nasce da sábia compreensão de que entre todos os pecadores para os quais pregamos, nós somos os principais.

3. *Comunicar o evangelho.* Além do fato de que os pregadores devem dizer “isto aconteceu comigo”, eles devem ser capazes para articular essa experiência em termos que sejam compreensíveis para a congregação. “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós.” Assim é com a pregação. Sua mensagem deve ir ao encontro das mentes e vidas dos ouvintes, de tal modo que alguma coisa aconteça – não no púlpito, mas nos bancos. Isso não significa que a mensagem será sempre bem recebida, às vezes será bem rejeitada, pois o evangelho é como uma serra partindo uma rocha.

Mas a pregação deve ser apresentada de tal maneira que os ouvintes saibam dar a resposta requerida: um “sim” ou um “não”.

E nesse ponto, enfrentamos o problema da comunicação. Palavras são símbolos; e falar nada mais é que “uma altamente complexa e refinada maneira de sinalização mútua”. Se há comunicação, os sinais devem significar a mesma coisa para o pregador e para os ouvintes. Palavras tais como “pecado”, “graça”, “fé” e “amor” devem significar uma coisa para o pregador, e exatamente o mesmo para os ouvintes. Ao falar de pecado, por exemplo, o pregador pode estar se referindo à rebelião contra Deus; mas o ouvinte pode pensar em algo como uma “mentirinha branca” contada para a esposa, à mesa, no desjejum.

Houve um tempo em que os pregadores poderiam garantir que os sinais usados no púlpito cristão eram compreendidos, no mesmo sentido, pela congregação. Hoje, tal conjectura não pode ser feita.

Assim, para que a pregação seja relevante, os pregadores devem conhecer seus ouvintes: sua maneira de pensar, a linguagem que usam, suas aspirações e frustrações. Walter Russel Bowie sugere que “alguma vez o pregador deveria ir à igreja e ajoelhar-se onde estão os bancos, lembrando as pessoas que costumam estar sentadas ali. Aqui, ele veria um empresário, desanimado e freqüentemente pressionado pela dificuldade de proteger seus negócios da falência e ao mesmo tempo conservar-se cristão. Ali, uma senhora que traz em seu coração feridas secretas, causadas por desavenças domésticas. Acolá, um jovem indeciso entre resistir

ou dar as boas-vindas a alguma tentação mais forte. Mais adiante, estariam sentadas, lado a lado, duas pessoas apaixonadas diante das quais a vida parece abrir-se à maravilha de um novo romance. Sim, no auditório de qualquer pregador, estão estas diversas personalidades, com suas diferentes alegrias e tristezas, suas oportunidades e necessidades. Como pode ele tornar significativa a mensagem que vai pregar para elas?”

Sem uma tal viagem pela vida daqueles aos quais nós pregamos, nossa palavra é uma palavra morta.

A pregação que está preocupada somente com a salvação do indivíduo, dissociada de suas preocupações sociais, políticas e econômicas, soa num vácuo, e é pouco mais que pregação escapista. Por exemplo, uma pregação sobre pecado, que fala apenas do orgulho de uma pessoa e do egoísmo em relação à família, amigos e negócios; mas não leva tal pessoa a enfrentar o problema do orgulho nacional e relacionamento internacional egoísta, realmente não expôs o significado total do pecado.

Pregação sobre a necessidade de amar o vizinho, mas que não nos faz ver além do relacionamento pessoal imediato, mantendo-nos alheios aos sofredores da Somália ou dos despojados da Bósnia, não apresentou o clamor do amor cristão aos ouvintes.

Isso não é uma sugestão para que preguemos programas políticos, ou tomemos posição ativista. Como Hugh Thompson Kerr afirma, “nós somos enviados não para pregar sociologia, mas salvação; não reforma, mas redenção; não economia, mas evangelismo; não cultura, mas conversão; não progresso, mas perdão; não uma nova ordem social, mas novo nascimento; não revolução, mas regeneração; não renovação, mas reavivamento; não uma nova organização, mas uma nova criação; não democracia, mas o evangelho, não civilização, mas Cristo. Somos embaixadores, não diplomatas”.⁵

Referências:

1. Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 253.
2. P. T. Forsyth, *Positive Preaching and the Modern Mind*, pág. 16; Grand Rapids: Eerdmans, 1964.
3. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 200.
4. Richard Baxter, *The Reformed Pastor*, pág. 27; Portland: Multnomah Press, 1982.
5. Hugh Thompson Kerr, citado in R. A. Anderson, *O Pastor Evangelista*, pág. 393.

Defuntos na geladeira

JEAN COLEMAN

“O que há nesse pratinho, aqui, no fundo da geladeira?” – perguntou meu marido, enquanto me passava o dito prato. Levantando a tampa, observei cuidadosamente o seu conteúdo. O que estava ali dentro era algo verde, da cor do mar, com uma grossa cobertura de mofo. Não me lembro de ter visto nada igual antes, tampouco de haver cheirado alguma coisa tão repugnante.

“Acho que é vagem”, eu aventurei.

“E este aqui?” – indagou novamente João, puxando outro recipiente. Examinei a pequena vasilha que ele segurava. Tratava-se de uma outra receita misteriosa. Mas, dessa vez o conteúdo era marrom amarelado, coberto por uma espécie de baba pegajosa. Terá sido aquilo um pedaço de bife? Para que fosse descoberta a origem daquela coisa “morta” que se encontrava diante de mim, era necessária a presença de um patologista.

“Você estava guardando essas ‘delícias’ para um jantar surpresa”, ele disse com sarcasmo, e acrescentou: “ou talvez esteja fazendo uma cultura de penicilina caseira com propósitos medicinais.”

Cheguei até a geladeira e inclinei-me para verificar com mais atenção o seu interior. Descobri ali mais uma dúzia de pequenas vasilhas com antiguidades.

“Eu estava querendo fazer uma limpeza geral por aqui, e me livrar dessas coisas, mas não tenho tido tempo para isso”, expliquei. “E parece que não vai ser agora, também, pois estou de saída.”

Olhei para o relógio, e fechei imediatamente a porta do refrigerador, deixando que os restos daquelas comidas defuntas passassem um pouco mais de tempo no “necrotério”.

Há quanto tempo eu estivera guardando aqueles restinhos apodrecidos em minha geladeira? Provavelmente, muitas semanas. Obviamente, eu nunca deveria sequer tê-los

deixado ali, mas tenho o hábito de guardar um pouquinho disso, um pouquinho daquilo... As sobras do almoço costumam ficar amontoadas em minha geladeira, por semanas, até se tornarem impróprias para o consumo humano.

Certamente, não me surpreendia o fato de que aqueles pequenos “caixões” estivessem escondidos ali, mas era realmente uma grande dificuldade para mim, ter de raspar os vasilhames e lavá-los posteriormente. Por isso, eu os deixava ficar para depois, mesmo estando cheios de restos já em estado de decomposição.

Às vezes, eu chegava a levantar as tampas de cada recipiente para dar uma olhadinha dentro. Porém, logo os fechava e devolvia à geladeira, para que seu conteúdo apodrecesse um pouco mais.

Contudo, devo confessar meu embaraço quando alguém descobria aquelas substâncias em decomposição que eu insistia em guardar. Uma coisa era eu saber de sua existência, outra, era ver meu marido abrindo os “caixõezinhos” secretos.

Na mente

Há uma lição para nós, neste comportamento. Que tal nos perguntarmos sobre o que está sendo armazenado em nossa mente? Tem você, porventura, permitido que a amargura, o ressentimento, o preconceito e o ódio permaneçam aí, quando há muito tempo deveriam ter sido jogados fora?

Uma pequena quantidade de preconceito armazenada nos escuros recônditos da mente, mesmo nos tempos da infância, pode ser mais tarde trazida de volta sob a forma de um cego acesso de ira, entornando ódio.

Como esposas de pastores, sabemos que necessitamos renovar nossa mente. Reco-

nhecemos nossa responsabilidade de confessar a Deus nossos pecados, para que sejamos purificadas deles, e de nos examinarmos a nós mesmas, expurgando qualquer coisa corrupta ou vil.

Mas algumas de nós insistimos em guardar tudo na geladeira. Um membro qualquer da igreja faz um comentário maldoso, e o nosso caixãozinho está bem ali, disponível, e esperando para que o utilizemos para armazenar aquela ofensa. O pior de tudo, é que quanto mais tempo ela ficar escondida no âmago do coração, mais corrupta há de se tornar, mais podre e mais sórdida.

A limpeza

Algum tempo atrás, enfrentamos uma situação desagradável em nossa igreja. Algumas famílias solicitaram carta de transferência para outra congregação, alegando que já tinham aprendido tudo o que podiam aprender entre nós.

É desnecessário dizer que sofri muito com aquela situação. Tive de lutar contra o ressentimento, amargura e raiva que sempre me assaltam quando alguém nos abandona. Mas, após muita oração, finalmente consegui livrar-me daquilo. Afinal de contas, é Jesus quem edifica a Igreja, e ninguém melhor do que Ele para dizer onde os tijolos devem ser encaixados.

Eu pensei que, realmente, tivesse superado todos os maus sentimentos e ruins suspeitas contra aqueles membros transferidos, mas depois percebi que ainda havia armazenado alguns recipientes de amargura. As famílias já haviam se mudado, e eu me apeguei àquele adágio popular, segundo o qual "longe dos olhos, longe do coração". Esqueci-me dos caixãozinhos de amargura que estavam guardados em minha alma.

Mas, parece que algumas dessas famílias às vezes sofrem de uma espécie de nostalgia, uma saudade que as faz reaparecer de quando em quando para uma breve visita à igreja, que coincide sempre com programações especiais.

Levo sempre um choque quando entro na igreja e as reconheço em um dos bancos. E

detesto quando ao final do culto, elas ficam falando às outras pessoas acerca de como estão felizes na nova igreja.

Da mesma forma que a luz da geladeira incide sobre os restos em decomposição, quando a porta se abre, esses encontros ocasionais com tais pessoas parecem abrir a porta que dá acesso aos meus pensamentos secretos. A luz se acende e revela todo o meu ressentimento contra aquelas pessoas. Sinto o cheiro apodrecido dos recipientes ali expostos. Vejo-me evitando aqueles irmãos, à saída, e partindo rapidamente para casa, na esperança de não ouvir seus comentários que tanto me incomodam.

"O que essas pessoas estão fazendo aqui?" – resmungo comigo mesma. "Se não gostam mais desta igreja, por que não ficam longe dela?" Só o fato de vê-las faz subir minha pressão sanguínea. Os caixãozinhos se abrem e seu conteúdo fétido se esparrama em meu espírito. Meu esposo está bem ao lado, percebendo tudo. Viro-me para ele e digo:

"Você tem que fazer alguma coisa para impedir que essa gente continue vindo aqui."

João olha para dentro da geladeira de minha alma, e fica perplexo ao perceber tanto lixo ali armazenado.

"Não se preocupe", diz ele. "Gosto que estas pessoas continuem vindo aqui, pois mostra que esta é uma igreja amorosa, que trata bem até os que, sem o saberem, a magoaram de alguma forma."

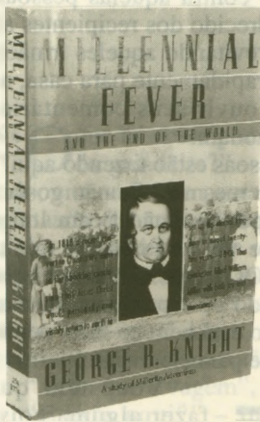
Tão adequadamente advertida, firmei o propósito de limpar os recônditos de minha alma de todo o lixo que vinha sendo armazenado ali; e, pelo poder do Senhor, tenho sido vitoriosa.

"Examine-se pois o homem a si mesmo", é o conselho bíblico. Que tipos de sobras você anda guardando, e que precisam ser jogadas no lixo? Por que não tomarmos alguns minutos, agora mesmo, para abriremos a porta de nossa mente, e esvaziá-la desses caixãozinhos fúnebres, cheios de amargura, ódio e ressentimento?

Livre-se desse conteúdo putrefato, deixe Cristo habitar plenamente em seu coração, enchendo-o de amor, alegria e paz.

**Necessitamos renovar
nossa mente, confessando
nossos pecados e
esvaziando-a de qualquer
coisa podre, corrupta e vil.**

BIBLIOTECA DO PASTOR



MILLENNIAL FEVER – *George Knight; Pacific Press Publishing Association, Boise, Idaho, Califórnia, EUA; 384 páginas.*

Um estudo do adventismo milenarista. O dia 23 de outubro de 1844 poderia ser o primeiro dia na presença pessoal de Jesus. Mas Ele não veio, e já se passaram 150 anos. Naquele dia, os fiéis perguntavam-se: “Por que Cristo não voltou?” Hoje, existem adventistas que interrogam: “Será que Ele ainda virá?” Mas isso suscita uma outra indagação: “Como pode existir adventismo sem advento?”



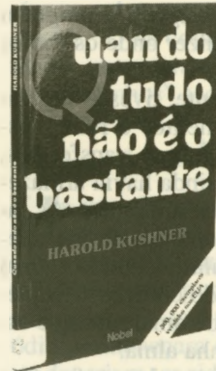
IMPORTE-SE O BASTANTE PARA OUVIR E SER OUVIDO – *David Augsburger; Editora Cristã Unida, Campinas, SP; 162 páginas.*

Escutar e falar, ouvir e ser ouvido – compreender estes dois lados do diálogo é essencial para uma comunicação clara, que faz parte de qualquer relacionamento mais profundo. Pastores, em sua função de conselheiros, necessitam “ouvir a pessoa toda, e não apenas as palavras que lhe saem da boca”. O autor, David Augsburger, vai ajudá-lo a melhorar sua comunicação, especialmente em relação às pessoas que você mais ama – seu cônjuge, seus filhos, seus amigos e membros da igreja.



IMPORTE-SE O BASTANTE PARA CONFRONTAR – *David Augsburger; Editora Cristã Unida, Campinas, SP; 140 páginas.*

Ao discutir a confiança, raiva, mudança, preconceito, culpa, consciência e lealdade, o autor descreve um estilo de vida para os cristãos que se importam uns com os outros a ponto de arriscar o confronto quando as diferenças se tornam importantes, especialmente para cristãos que se preocupam com seus relacionamentos – adultos, jovens, pastores, casais.



QUANDO TUDO NÃO É O BASTANTE – *Harold Kushner; Livraria Nobel, São Paulo, SP; 109 páginas.*

A grande pergunta deste livro é se vale a pena o esforço para lutar e atingir determinadas metas. Fugindo à enfadonha repetição de lugares-comuns e de receitas prontas de felicidade e sucesso, Kushner mostra-se exigente em sua pesquisa e obriga o leitor a repensar seus conceitos adquiridos.